

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
FACULDADE DE JORNALISMO**

**BEATRIZ CEZAR FERNANDES
LUIZ AUGUSTO OLIVEIRA DE ALMEIDA
RENAN ROSA FIORENTINI**

RELATÓRIO TÉCNICO

3, 2, 1... NO AR: REFLEXOS DA CRISE NO TELEJORNALISMO

CAMPINAS

2023

Beatriz Cezar Fernandes
Luiz Augusto Oliveira de Almeida
Renan Rosa Fiorentini

RELATÓRIO TÉCNICO

3, 2, 1... NO AR: REFLEXOS DA CRISE NO TELEJORNALISMO

Relatório Técnico apresentado à disciplina ATIVIDADE DE ORIENTAÇÃO DE PROJETO EXPERIMENTAL da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas como exigência parcial para aprovação na referida disciplina, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Alberto Zanotti.

PUC-CAMPINAS

2023

Ficha catalográfica elaborada por Jerusa Neves dos Santos Lopes CRB 8/10320
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

F363a	<p>Fernandes, Beatriz Cezar</p> <p>3, 2, 1... No ar: reflexos da crise no telejornalismo / Beatriz Cezar Fernandes, Luiz Augusto Oliveira de Almeida, Renan Rosa Fiorentini. - Campinas: PUC-Campinas, 2023.</p> <p>116 f.</p> <p>Orientador: Carlos Alberto Zanotti.</p> <p>TCC (Bacharelado em Jornalismo) - Faculdade de Jornalismo, Escola de Linguagem e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2023.</p> <p>Inclui bibliografia.</p> <p>1. Telejornalismo. 2. Crise no jornalismo. 3. Televisão. I. Almeida, Luiz Augusto Oliveira de. II. Fiorentini, Renan Rosa. III. Zanotti, Carlos Alberto. IV. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Linguagem e Comunicação. Faculdade de Jornalismo. V. Título</p>
-------	--

CDD

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	05
CAPÍTULO 1	06
1.1. Contextualização do Tema e Recorte Jornalístico	06
1.2. Modalidade	08
1.3. Justificativa	09
1.4. Processo de Apuração	10
1.5. Seleção de Fontes	13
CAPÍTULO 2	17
2.1. Desenvolvimento da Produção	17
2.2. Processo de Edição	19
2.3. Projeto/Proposta de Divulgação	21
2.4. Custos e Gastos	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	23
ANEXOS	24

INTRODUÇÃO

Com o avanço da internet e das tecnologias de comunicação, surgiu uma nova estética na televisão que deixou de lado os padrões rígidos aperfeiçoados desde a sua chegada ao Brasil, em 1950. Perante as mudanças nos últimos tempos, esse relatório se propõe a descrever o processo de produção da série de reportagens “3, 2, 1... *NO AR: Reflexos da crise no telejornalismo*”.

Em três episódios, a série mostrará como essas mudanças afetaram as emissoras de televisão e o dia a dia dos profissionais da área. O público-alvo a que se destina essa produção são os próprios profissionais de jornalismo, os estudantes da área, que pretendem entender sobre as mudanças no telejornalismo e que futuro lhes aguarda, além de outras pessoas que tenham interesse no assunto.

O primeiro episódio investiga as mudanças estéticas na televisão, como o aproveitamento de imagens gravadas por celulares. Já o segundo episódio mostra que essas mudanças afetaram o trabalho dos profissionais que passaram a ter funções acumuladas; além disso, discute-se também a naturalização da presença do videorepórter na televisão. Já no último episódio, o futuro incerto da profissão é abordado, com exemplos de como os profissionais estão se reinventando perante a crise do setor e as consequentes demissões havidas no ramo do jornalismo.

Ao longo deste relatório, serão identificados os processos de apuração, produção e edição de nossa série de reportagens. Também serão apresentadas e justificadas as fontes escolhidas para compor cada episódio, abordando sua importância e representatividade no assunto.

CAPÍTULO 1

1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA E RECORTE JORNALÍSTICO

A televisão chegou ao Brasil em 1950, com o início das transmissões da PRF-3 TV Difusora, a TV Tupi de São Paulo. Junto com a primeira emissora, surgiu também o primeiro telejornal. Denominado *Imagens do Dia*, o noticioso ficou caracterizado pela locução de notas com imagens em preto e branco, sem som, em um estilo radiofônico. O telejornal não era pontual e ficou no ar por pouco mais de um ano (Paternostro, 2006).

Na história do telejornalismo no Brasil, destacaram-se também o *Repórter Esso*, conhecido por ter sido o primeiro jornal de sucesso na TV, e o *Jornal Nacional*, exibido até os dias atuais e caracterizado por ter sido o primeiro a ser transmitido em rede nacional (Paternostro, 2006).

Com equipamentos grandes e pesados, que dificultavam o trabalho nas ruas, cada equipe de reportagem de TV era formada por cerca de até seis pessoas, que desempenhavam diferentes funções, como expõem Lamounier e Oliveira (2021):

É comum ouvir que televisão é trabalho de equipe. Na primeira fase do telejornalismo, com equipamentos bem diferentes dos atuais, era fundamental ter uma equipe para fazer reportagem: repórter, repórter cinematográfico, auxiliar/iluminador, operador de áudio, motorista, técnico de transmissão para entradas ao vivo (Lamounier; Oliveira, 2021, p. 4-5).

Com o passar do tempo e o avanço tecnológico, as empresas de comunicação investiram em novos equipamentos, menores e mais leves. Em alguns casos, equipamentos que eram individualizados foram unidos em um só, como a lâmpada de iluminação, que hoje está unida à câmera.

Nessa perspectiva, houve uma diminuição na quantidade de profissionais nas equipes de reportagem. “Eram 6, depois 5, virou 4, passou para 3 e, em muitos casos, hoje são apenas 2 profissionais saindo às ruas - repórter e repórter cinematográfico” (Lamounier; Oliveira, 2021, p. 5).

Paralelamente a isso, o avanço tecnológico não beneficiou financeiramente apenas as emissoras de televisão, que diminuíram a quantidade de profissionais. Os

smartphones tornaram-se item quase indispensável para parte da sociedade, e as câmeras dos aparelhos passaram a ser protagonistas na produção de imagens amadoras que ganharam espaço nos telejornais.

Este processo de adaptação a uma estética mais próxima do amador intensificou-se nos últimos anos, e tem como um marco importante a cobertura das manifestações populares em 2013, quando as emissões feitas por amadores e/ou veículos independentes tomaram força e reverberaram na opinião pública (Martins, 2020, p. 101).

Nessa perspectiva, estudiosos da área entendem que a redução na quantidade de profissionais nas redações, impulsionada pela forma como as emissoras usam a tecnologia, acompanhada da redução de padrões no rigor estético das produções telejornalística, podem fazer com que caia a qualidade do jornalismo produzido.

Os jornalistas trabalham mais pelo mesmo dinheiro, se esgotam mais e estão mais sujeitos ao estresse e à estafa. Mas quem se importa com isso? O produto tem de ficar pronto para a venda e o consumo. A economia de custos, proporcionada pela tecnologia, a rapidez no processamento e a busca da audiência podem comprometer a qualidade do jornalismo (Barbeiro; Lima, 2002, p. 47).

Assim, com o afrouxamento do rigor estético, a figura do videorepórter acabou sendo naturalizada na televisão. Apesar de as imagens produzidas pelas câmeras dos *smartphones* terem evoluído a ponto de serem confundidas com aquelas feitas em câmeras profissionais, a atuação multifuncional do videorepórter (que trabalha sozinho) pode comprometer a plasticidade do material.

Deste modo, a necessidade de redução de custos por parte das emissoras de televisão impulsionou essa sequência de fatores presentes nos últimos anos no telejornalismo. Nesse sentido, a proposta da série de reportagens *3, 2, 1... NO AR: Reflexos da crise no telejornalismo* foi investigar como essa metamorfose vem acontecendo e como o fenômeno afeta os jornalistas de televisão.

A proposta foi ouvir profissionais experientes que vivenciaram diferentes momentos no telejornalismo, jornalistas que acumulam funções no seu dia-dia e pesquisadores e sindicalistas que analisam as condições de trabalho dos jornalistas.

1.2. MODALIDADE

Para essa produção jornalística elaborada enquanto trabalho de conclusão de curso na Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas, optamos por um produto audiovisual. Trata-se de uma reportagem especial seriada em três episódios. Cada reportagem da série tem, no máximo, 10 minutos, totalizando cerca de 30 minutos de produção.

Partindo da ideia de reportar - contar, relatar - reportagem define-se, de modo mais comum, como o resultado final de uma série de etapas de produção jornalística na televisão: pauta, apuração, produção (gravação e edição), exibição/apresentação, chamada também de matéria (Emerim, 2010, p. 7-8).

As reportagens exibidas em telejornais contam com pouco tempo de exibição, geralmente menos de três minutos. Isso se deve à necessidade de encaixar uma grande quantidade de notícias (reportagens, notas, lapadas, etc) em todo o telejornal, que tem um tempo de produção minutado com precisão dentro da grade de programação, isto é, disponibilizado pela emissora.

Reportagens mais longas são comuns apenas em programas jornalísticos como o *Globo Repórter* e o *Fantástico*, que têm um tempo de duração maior, ou em séries especiais exibidas esporadicamente nos telejornais e amplamente divulgadas em chamadas na programação e/ou nas redes sociais.

O produto que elaboramos objetiva ser uma reportagem especial seriada, com tempo de produção maior que as reportagens curtas dos telejornais. De acordo com Carvalho *et al.* (2010), essa modalidade propõe uma abordagem mais abrangente, exigindo mais entrevistas e informações.

O que torna uma reportagem especial é o tratamento muito mais primoroso, tanto de conteúdo, quanto plástico. Ela nos permite aprofundar assuntos de interesse público, que podem estar retratados em uma única reportagem ou em uma série (Carvalho *et al.*, 2010, p. 21).

A escolha do audiovisual como modalidade parte da necessidade de exibir trechos de telejornais ao longo das discussões propostas nas reportagens, a fim de ilustrar ao espectador, mesmo o leigo, os assuntos que estão sendo abordados. Outros produtos jornalísticos, dependendo da estrutura, podem não garantir esse entendimento.

Ao citar a presença de uma imagem tremida ou mal enquadrada presente nos telejornais, um produto jornalístico em áudio, por exemplo, pode não levar o ouvinte ao claro entendimento da presença desse tipo de material no telejornalismo atualmente. Já o audiovisual cumpre esse papel, além de se constituir como o próprio *locus* no qual reside o principal objeto de nossa investigação.

1.3. JUSTIFICATIVA

Apesar de as mudanças que o telejornalismo vivencia estarem sendo discutidas por pesquisadores na academia, o tema não é foco de produções jornalísticas, o que era esperado que ocorresse, dado à natureza do tema. Em nossa busca por conteúdos que já foram publicados e tratavam do assunto, não foi localizada nenhuma proposta parecida, apenas *sites* que noticiavam assuntos específicos, como reduções de gastos em emissoras de TV.

Por tratar do próprio jornalismo, a série de reportagens se configura como uma produção de uma linguagem caracterizada como “metajornalismo”. De acordo com Oliveira (2017), os jornalistas não são isentos de serem sujeitos da notícia, já que são agentes sociais. Bem por isso, esses profissionais também são objeto de interesse público, o que suscita algumas reflexões, como a que segue:

O tema ainda é bastante novo na literatura. Tradicionalmente, apenas a academia era interessada em estudar o jornalismo. ‘Os repórteres nunca são a notícia’, defendiam os manuais de redação. Esse cenário, porém, está mudando. (Stancki, 2018, p. 208).

A realidade proporcionada pela metamorfose do telejornalismo propicia aos jornalistas uma rotina de trabalho que pode ter condições precarizadas. Com a diminuição de pessoal nas emissoras e o evidente acúmulo de funções, esses profissionais passam a ter uma sobrecarga de trabalho.

A instantaneidade exigida hoje nos veículos de comunicação e impulsionada pela velocidade da disseminação de informações na internet também ocasiona o surgimento de profissionais que atuam sozinhos, produzindo conteúdo audiovisual que é vendido como jornalismo para as emissoras. Por vezes, esses trabalhadores não têm direitos trabalhistas, pois se sujeitam ao modelo de trabalho regido por um contrato de pessoa jurídica (PJ).

Diante das transformações em curso no cenário do telejornalismo, entendemos que nossa série de reportagens emerge como uma peça fundamental no entendimento do atual panorama de trabalho dos futuros profissionais de imprensa.

1.4. PROCESSO DE APURAÇÃO

Inicialmente, a proposta era abordar as mudanças ocasionadas pela pandemia de covid-19 nas redações de jornalismo de maneira geral, seja na televisão, no rádio, nos jornais impressos ou nos noticiosos da internet. Após algumas discussões, chegamos à conclusão de que o projeto experimental seria insuficiente para tratar das mudanças em todas essas mídias. A partir de então, o recorte foi limitado apenas para o jornalismo na televisão.

Como a proposta inicial era tratar da pandemia, todo o Projeto da Produção Jornalística, entregue em julho, foi feito com base nessa premissa. A ideia era entender como a pandemia alterou os métodos de produção jornalística, fazendo o telejornalismo adotar entrevistas por videoconferência, entrevistados segurando microfones, e o aumento do número de imagens feitas pelo celular, entre outras questões.

No entanto, após discussões com o orientador, com a banca de qualificação, a análise de trabalhos acadêmicos produzidos sobre o assunto e conversas com profissionais da área, entendemos que as mudanças vivenciadas pelo telejornalismo não são decorrentes apenas das restrições impostas pela pandemia de covid-19, mas por uma sequência de fatores que tiveram início muito anteriormente ao momento pandêmico.

Assim, analisando todo o contexto de transformação do telejornalismo, a proposta foi alterada para as consequências que a crise de financiamento vivida pelas emissoras provocou no jornalismo de TV, seja no que é visto nas telas ou acontece internamente nas redações.

O processo de apuração exigiu uma análise de várias reportagens e de conteúdos produzidos no telejornalismo brasileiro. Além dos catálogos de vídeo das emissoras, também foram consultadas algumas redes sociais, principalmente o

Twitter, visando consultar as reações do público sobre as mudanças no telejornalismo.

Ao tratar das fontes, Carvalho *et al.* (2010) esclarecem que, em uma reportagem especial, a escolha de cada entrevistado deve ter atenção redobrada. As entrevistas devem ter uma abordagem nova e o material final deve ter uma pluralidade de opiniões. Ainda segundo os autores, a pretensão do material produzido não deve ser encerrar um assunto, mas ofertar uma gama de informações para que o telespectador tire suas conclusões.

O nome do jornalista Hérisher Matias, por exemplo, surgiu por ter sido ele o responsável por uma grande cobertura, feita na pandemia, mas realizada com o celular. Em novembro de 2021, o então videorepórter da InterTV dos Vales, que atuava em Caratinga (MG), cobriu a queda do avião que vitimou a cantora sertaneja Marília Mendonça.

Já a jornalista Carolina Cerqueira, por exemplo, além de ter uma larga experiência no telejornalismo, tendo passado por cargos de gestão na TV e lecionado telejornalismo para universitários, experimentou uma nova forma de trabalho em 2021. A profissional atuou na cobertura do início da vacinação contra a covid-19 em Campinas pela CNN Brasil, em um trabalho *freelancer*.

Também adicionamos o nome da pesquisadora Roseli Figaro como essencial para o trabalho. Docente da Universidade de São Paulo (USP), a jornalista é coordenadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT), que se dedica a estudar as condições trabalhistas dos profissionais de imprensa.

No final do primeiro semestre deste ano, tínhamos a confirmação de participação de nove fontes: Carolina Cerqueira, Flávio Fachel, Hérisher Matias, Isabela Leite, Karla Albuquerque, Renan Fiuza, Roseli Figaro e Sérgio Utsch.

Já no segundo semestre, tivemos duas baixas: a do repórter Renan Fiuza, da CNN Brasil, que optou por não participar devido às recentes demissões na emissora; e a do apresentador Flávio Fachel, da TV Globo Rio, por uma questão contratual com a emissora.

O produtor e videorepórter Johnny Inselsperger, da EPTV-Campinas, também estava sendo acertado como uma das fontes para a série de reportagens. No entanto,

ele precisou se afastar do trabalho por uma questão pessoal, de saúde de um familiar, inviabilizando a entrevista.

Para iniciar as entrevistas, além das fontes que já estavam confirmadas, convidamos para participar da série a jornalista Márcia Quintanilha, representando a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) e o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo (SJSP); e a jornalista e pós-doutora Deisy Feitosa, atuante na pesquisa em telejornalismo.

Visando contar com a presença de pessoas com experiência em cargos de gestão no telejornalismo, convidamos também os jornalistas Marcos Cripa e Sandra Granzotti. Como personagens, representando o acúmulo de função presente no telejornalismo, foram ouvidos os jornalistas Daniely Fernandes e Guilherme Celegato.

Depois de algumas entrevistas, definimos a temática de cada episódio. No primeiro, trataríamos das mudanças estéticas experimentadas e naturalizadas no telejornalismo. Para este episódio, foram escaladas as seguintes fontes: Deisy Feitosa, Isabela Leite, Karla Albuquerque, Marcos Cripa, Sandra Granzotti e Sérgio Utsch.

No segundo episódio, a abordagem é de como a flexibilização estética, o uso do avanço tecnológico pelas redações e outros fatores provocaram o acúmulo de funções em profissionais do telejornalismo, bem como o surgimento de funções como a do videorepórter que, agora, usa o *smartphone* para produzir. As fontes deste episódio são: Carolina Cerqueira, Daniely Fernandes, Guilherme Celegato, Hérisder Matias, Márcia Quintanilha e Roseli Figaro.

O tema do terceiro episódio surgiu a partir das entrevistas e de discussões com as fontes e com o orientador. Notamos que vários jornalistas com sólidas carreiras na televisão foram desligados das emissoras nos últimos anos, e não conseguiram se recolocar profissionalmente na televisão, aderindo a outros trabalhos.

Paralelamente, também notamos que algumas fontes perceberam uma jovialização das redações de TV, isto é, profissionais recém-formados substituindo os mais velhos. Assim, no intuito de ter um episódio que conclua a discussão promovida em toda a série, optamos pelo tema 'futuro incerto'.

Além de Márcia Quintanilha e Roseli Figaro, convidamos como fontes para esse episódio as jornalistas Marcela Varani e Daniela Lemos, que já trabalharam em televisão e hoje estão em outros meios; o videorepórter Adriano Baracho, que também produz conteúdo para as redes sociais; e o repórter ‘Barba Azul’ (Wagner Souza) que, apesar de não ser jornalista, tem seu nome creditado frequentemente nos telejornais locais de Campinas por fornecer imagens para as emissoras.

Assim, chegamos a um total de 16 fontes. Em cada episódio, há a presença de seis, sendo que duas fontes se repetem no segundo e no terceiro episódios. O título da série de reportagens foi definido durante uma das reuniões do grupo com o orientador: “3, 2, 1... *NO AR: Reflexos da crise no telejornalismo*”.

Esse nome visa fazer uma comparação entre a contagem regressiva que antecede o momento que um telejornal entra no ar com a redução na quantidade de profissionais nas equipes de reportagem de televisão, que também regrediu, visto que hoje, em muitos casos, apenas um profissional sai às ruas.

1.5. SELEÇÃO DE FONTES

Adriano Baracho: Videorepórter da TV TEM, afiliada da TV Globo na região de Bauru (SP). Atua sozinho na sucursal da emissora em Botucatu (SP). O jornalista costuma mostrar as tarefas que desempenha e o seu dia-dia nas redes sociais, incluindo o *TikTok*, onde acumula mais de 67 mil seguidores. Ele também atua em outras plataformas, como o *Instagram* e o *Twitter*, investindo na sua imagem na internet.

Carolina Cerqueira: Atuou como jornalista na TVB (atual TV Thathi) e no SBT. Já desempenhou as funções de apuradora, produtora, editora, chefe de reportagem, apresentadora e chefe de redação. Em 2021, em um trabalho *freelancer*, cobriu o início da vacinação contra a covid-19 em Campinas para a CNN Brasil como videorepórter, uma experiência diferente das que já havia desempenhado tradicionalmente no telejornalismo.

Daniela Lemos: Foi gerente de jornalismo da EPTV em Campinas (SP), tendo também desempenhado outras funções, como a de repórter e apresentadora. Em 2020, foi desligada da função, permanecendo no mesmo grupo como prestadora de

serviço na apresentação do programa *Terra da Gente* e do podcast *Nossa Gente*, da rádio CBN Ribeirão Preto. Exerceu alguns trabalhos freelancers como Pessoa Jurídica (PJ), mas em 2023 retornou ao trabalho 'celetista' como gerente de comunicação da Empresa Municipal de Desenvolvimento de Campinas (Emdec).

Daniely Fernandes: Jornalista formada em 2019 pela PUC-Campinas, atualmente é produtora e apresentadora da previsão do tempo na EPTV Campinas. Além disso, colabora com as rádios CBN Campinas e EP FM e com os portais g1 Campinas e acidade on Campinas, tendo que distribuir seu tempo entre as diversas funções que desempenha no dia-dia.

Deisy Feitosa: Graduada em Radialismo e Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), mestre em TV Digital pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), pós-doutora em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades e pós doutoranda em Meios e Processos Audiovisuais, ambos pela USP. Atua como coordenadora do curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo (SP). Além disso, pesquisa sobre televisão, publicando artigos nos livros da Rede de Pesquisadores em Telejornalismo (Rede TeleJOR).

Guilherme Celegato: Videorrepórter da Band Mais, em Campinas (SP), com passagens pela VV8 TV, em Valinhos (SP), e pela TV TodoDia, de Americana (SP). No seu dia-dia, atua sozinho nas ruas. O jornalista é responsável por dirigir, montar o equipamento e gravar o conteúdo para suas videorreportagens, exibidas nos telejornais da emissora.

Hérisder Matias: Atualmente é editor da InterTV dos Vales, em Governador Valadares (MG). Anteriormente, foi videorrepórter da emissora em Caratinga (MG). Em novembro de 2021, cobriu a queda do avião da cantora Marília Mendonça, que levou à morte da artista. Usando o celular como equipamento de gravação, foi o único repórter de TV a acessar o local da queda, fazendo entradas ao vivo para o *Plantão da Globo*, *Jornal Nacional* e para telejornais da GloboNews.

Isabela Leite: Repórter e apresentadora da GloboNews, com passagens por outras emissoras e foi escolhida devido à experiência que acumula no telejornalismo. Também atuou no portal g1, em São Paulo (SP) e na EPTV Campinas, como

apresentadora do quadro *Sua Chance*, do telejornal *Bom Dia Cidade*, e da previsão do tempo nos telejornais da emissora.

Karla Albuquerque: Editora de política da GloboNews, também foi produtora de reportagens do programa *Encontro com Fátima Bernardes*. A jornalista trilhou toda a sua carreira na TV, tendo sido também estagiária, produtora e repórter. Assim, vivenciou diversas transformações na produção e na estética do telejornalismo.

Marcela Varani: Foi editora e apresentadora da EPTV Campinas, tendo apresentado o *EPTV2* (anteriormente *Jornal da EPTV 2ª Edição*) por cerca de 8 anos. Foi desligada da emissora em março de 2023. Desde 2018, quando ainda estava no jornalismo diário, é sócia da produtora de conteúdo *NuOlhar*. Com a saída da TV, passou a se dedicar integralmente à empresa.

Márcia Quintanilha: Formada em jornalismo pela PUC-Campinas, é diretora da FENAJ e do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo (SJSP). Na série de reportagens, ela aparece como porta-voz das duas entidades.

Marcos Cripa: Formado em jornalismo pela PUC-Campinas, é mestre em Ciências da Comunicação pela USP. Na PUC-SP, é doutorando em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem e professor de telejornalismo para os alunos da graduação em jornalismo. Com passagens pela TV Record e pelo SBT, foi diretor de jornalismo.

Roseli Figaro: Jornalista, doutora em Ciências da Comunicação e professora da USP. Coordenadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT), da universidade, órgão que atua na produção de pesquisas sobre questões do mundo do trabalho dos profissionais de comunicação.

Sandra Granzotti: Com passagens pela TV Rio Sul e pelo Canal Futura, atualmente é coordenadora de reportagem da EPTV Campinas, onde também já exerceu as funções de supervisora de reportagem e repórter. Dentre as tarefas diárias, é responsável por distribuir as pautas entre os repórteres da emissora, incluindo os três profissionais que atuam como videorrepórteres.

Sérgio Utsch: É correspondente internacional do SBT desde 2011. Com base em Londres, é responsável pela cobertura das notícias internacionais de todo o

mundo, com exceção das Américas. Atualmente, atua sozinho, como videorepórter, tendo apoio do cinegrafista apenas em coberturas especiais.

Wagner Souza (Barba Azul): Formado em Administração, foi repórter fotográfico do jornal impresso *Correio Popular*. Atualmente é influenciador nas redes sociais e trabalha captando imagens de acidentes, notícias policiais e outros assuntos factuais. Além de usar o material nos próprios perfis, ele vende imagens e informações colhidas no local dos acontecimentos para emissoras de televisão da região de Campinas, como a EPTV e a TV Thathi, possuindo contrato fixo (como pessoa jurídica) para a produção de conteúdo para a VTV SBT.

CAPÍTULO 2

2.1. DESENVOLVIMENTO DA PRODUÇÃO

Com relação às entrevistas, definimos que algumas seriam captadas presencialmente e outras por meio de videoconferência, devido à possibilidade de entrevistar fontes de localidades mais distantes. Para as entrevistas presenciais, optamos por realizar todas as captações com apoio dos cinegrafistas do Laboratório da Imagem e Som (LabIS), da PUC-Campinas.

Já para as entrevistas realizadas remotamente, a plataforma escolhida foi a do *Microsoft Teams*, visto que é possível gravar pelo próprio *software*, sem a necessidade de gravar a tela do computador, o que iria comprometer a qualidade da gravação do áudio da entrevista. No entanto, também alinhamos internamente que tentaríamos equilibrar a quantidade de entrevistas remotas com as presenciais.

No total, foram 10 entrevistas realizadas presencialmente, sendo que oito foram realizadas em Campinas (SP) e duas em São Paulo (SP). Alguns entrevistados nos receberam em casa ou local de trabalho, um deles marcou em um ponto conhecido da cidade; e duas fontes optaram por ir até o campus da PUC-Campinas.

Já as entrevistas com Adriano Baracho, Hérисder Matias, Isabela Leite, Karla Albuquerque, Roseli Figaro e Sérgio Utsch foram realizadas remotamente, uma vez que estavam baseados, respectivamente, em Botucatu (SP), Governador Valadares (MG), São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP) e Londres, no Reino Unido.

Com relação à captação das sonoras, tivemos um problema envolvendo a entrevista com Adriano Baracho. O videorepórter estava conectado pelo celular, com o aparelho posicionado na vertical. Para um dos integrantes do grupo, a imagem aparecia na vertical. Já para outros dois, na horizontal. Por isso, não foi solicitado à fonte para que virasse o aparelho. No entanto, quando o arquivo da gravação ficou pronto, em vários trechos parte da cabeça do entrevistado ficou “cortada”.

Para contornar isso, fizemos algumas imagens de apoio com o celular e uma televisão, simulando que a entrevista estava sendo realizada naquele momento. Nos

telejornais, quando há entrevistas por videoconferência, são comuns os contraplanos que mostram o repórter ouvindo a fala do entrevistado.

Apesar de, esteticamente, o resultado não ser o melhor, a informação que a fonte traz foi garantida. Essa é justamente a discussão que alguns dos entrevistados trazem ao longo do episódio, defendendo a tese de que o que importa é que a informação seja compreensível ao espectador.

Tivemos um total de 16 entrevistados. Após a conclusão das entrevistas, iniciamos a decupagem do material para a produção do roteiro para os episódios, visando a gravação dos outros elementos que compõem a reportagem: os *offs* e as passagens.

O *off* é o texto narrado pelo repórter, sem que ele apareça na tela, e coberto por imagens de apoio. É o *off* que estrutura a reportagem. Já as sonoras são os trechos das falas das fontes durante as entrevistas, elas são usadas para complementar a reportagem (Emerim, 2010). O terceiro elemento fundamental para a construção do material gravado é a passagem, momento em que o repórter aparece na tela.

“Normalmente, nas matérias diárias, há uma passagem. Já nas reportagens especiais, a presença do repórter no vídeo pode e deve ser ampliada, mesmo porque o tempo é maior” (Carvalho *et al.*, 2010, p. 58-59). Nessa perspectiva, ampliamos a quantidade de passagens em cada episódio, variando entre duas e três em cada episódio.

Com todo o texto concluído, gravamos as passagens. Os cenários foram pensados visando valorizar o texto e o contexto do episódio. Apesar de as gravações terem ocorrido em dias distintos, nos preocupamos em garantir que o repórter estivesse com a mesma roupa em todas as passagens. Vale lembrar que

No telejornalismo, a roupa, a gestualidade, o tom de voz e as expressões faciais são parte da reportagem, contam narrativas tanto quanto as notícias. E tudo isso reflete no produto final do texto da notícia, ou seja, na reportagem. (Emerim, 2010, p. 8).

Carvalho *et al.* (2010) explicam que, em uma série de reportagens, cada episódio precisa ser tratado separadamente, apesar de haver um eixo central que perpassa todas as reportagens. Justamente por isso, cada episódio teve uma temática própria.

Na televisão, a reportagem é levada ao público pelo apresentador, no estúdio, que apresenta o material ao espectador. No nosso projeto experimental, não havia essa necessidade. Bem por isso, ampliamos a presença do repórter no vídeo para um momento além das passagens: no início de cada episódio.

O repórter apresenta a temática daquele episódio, adiantando o que está por vir. Já no final dos episódios, acrescentamos um *off* em que a narração antecipa o que será abordado no próximo episódio (no caso do primeiro e segundo episódios) ou apresenta um texto conclusivo, finalizando a série (no caso do terceiro episódio).

Para todas as gravações com repórter ou entrevistados, optamos por usar o microfone de lapela e não o microfone de mão. Para Carvalho *et al.* (2010), o equipamento de lapela ajuda a deixar os movimentos dos braços e mãos mais naturais.

Também aproveitamos os agendamentos de gravação para produzir mais imagens de apoio para cobrir os *offs*. Ainda assim, essas imagens não foram suficientes, sendo necessário agendar mais uma data durante o processo de edição para a produção de mais imagens.

Também sentimos a necessidade de ter imagens de apoio de uma emissora de televisão, tanto da redação quanto do estúdio. Recorremos à três emissoras: Band Mais, TV Thathi e Rede Século XXI. No entanto, fomos atendidos apenas por esta última, que franqueou o acesso às dependências de seu departamento de jornalismo.

2.2. PROCESSO DE EDIÇÃO

Durante a elaboração dos roteiros para edição, nos empenhamos em somar os tempos das sonoras, visando ter um cálculo aproximado do tempo do episódio para evitar que faltasse ou sobrasse material. Para esse cálculo, consideramos três minutos para *offs*, passagens e vinheta, e sete minutos para as sonoras. Além disso, também buscamos imagens de apoio além das que foram produzidas pelos cinegrafistas, como trechos de telejornais.

Nas primeiras horas de edição, fizemos a vinheta e as tarjas para os créditos que aparecem ao longo dos episódios da série de reportagens. Para a vinheta, já

tínhamos um elemento indispensável em mente: uma placa de “no ar”, semelhante às que existem na entrada dos estúdios de televisão, e que acendem quando um programa está ao vivo. Também fizemos imagens de apoio no *switcher* do LabIS visando compor a vinheta.

Carvalho *et al.* (2010) valorizam a preocupação com a vinheta em uma série de reportagens, destacando que ela cria sentido de unidade entre os episódios da série, ou seja, de que apesar de seriada, é um único produto. Além disso, segundo os autores, a vinheta destaca a matéria e cria uma marca para o produto.

Assim, a vinheta começa com imagens do *switcher*, como se um telejornal estivesse entrando no ar, e termina com a placa indicando que o programa está no ar. Para a arte da tarja do GC (gerador de caracteres), a mesma placa de “no ar” foi usada como elemento principal. Já havíamos definido anteriormente como cada fonte seria creditada, já que apenas a profissão não era suficiente, visto que a maioria é jornalista.

Com o andamento da edição, ficou evidente que as imagens de apoio que tínhamos até o momento ainda não seriam suficientes. Com isso, foram agendadas novas gravações para a produção de mais imagens. Também foi necessária uma busca mais intensa por trechos de telejornais que contassem com os assuntos abordados nas reportagens, como imagens menos refinadas, videorreportagens e entrevistas realizadas por plataformas de videoconferência.

Dois dos três episódios acabaram excedendo o tempo máximo de 10 minutos. O primeiro episódio foi o mais problemático, pois foi necessário eliminar trechos de seis sonoras. O episódio dois ficou com o tempo correto. Já o terceiro episódio ultrapassou apenas alguns segundos, tornando o corte mais fácil.

Para evitar que os créditos tomassem tempo de produção de cada episódio, obrigando-nos a fazer mais cortes, optamos por colocá-los como tarja nos trechos finais de cada reportagem e não como um momento paralelo de finalização do episódio.

Durante o processo de edição, também identificamos alguns problemas relacionados à narração dos *offs*. Para não comprometer o resultado final, agendamos uma nova data na cabine de áudio para regravar trechos pontuais da

locução. A preocupação com a narração surge do risco de “[...] passar ao telespectador um conteúdo equivocado, o que comprometerá a compreensão final da mensagem” (Carvalho *et al.*, 2010, p. 128).

Em telejornalismo, o texto é escrito para ser falado (pelo locutor ou pelo repórter) e ouvido (pelo telespectador). Uma das características da televisão como veículo de comunicação é a instantaneidade. Isso significa que o receptor deve “pegar a informação de uma só vez”. Se isso não acontece, o objetivo de quem está escrevendo, ou seja, transmitir a informação, fracassa (Paternostro, 2006, p. 77).

Outro recurso que adotamos no processo de edição foi a presença dos "sobe sons". Em trechos específicos, a narração é interrompida e o som ambiente da imagem de apoio tem o volume aumentado. De acordo com Carvalho *et al.* (2010), esse recurso é bem-vindo para dar um "respiro" na reportagem, uma pausa no texto.

Também definimos algumas trilhas sonoras que são usadas no início (antes da vinheta) e no fim (a partir dos créditos) de cada episódio. Como explicam Carvalho *et al.* (2010), o uso na cobertura dos *offs* é complicado, pois desviam a atenção do telespectador.

Para melhorar esteticamente a série de reportagens, nos casos das entrevistas virtuais, também solicitamos ao editor para que ampliasse as imagens, visando excluir a nossa presença (o nosso retorno de vídeo) do canto da tela. Certamente, a qualidade não é a mesma das entrevistas presenciais realizadas com a câmera profissional, mas a naturalização desses materiais é justamente um dos temas abordados na série de reportagens.

2.3. PROJETO/PROPOSTA (CONCRETA) DE DIVULGAÇÃO

Tratando-se de um produto focado no metajornalismo, isto é, cuja pauta é o próprio jornalismo, o público-alvo principal da série de reportagens são jornalistas e acadêmicos da área. Por isso, vamos propor ao Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo (SJSP) uma parceria para a divulgação e exibição da série de reportagens.

Posteriormente, essas negociações podem se estender aos Sindicatos de outros estados e ao Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT/USP).

Além disso, a série será hospedada em um canal da plataforma *YouTube* criada especificamente para tanto.

Será criado um *e-mail* específico para a o projeto, personalizando o canal para essa finalidade. No longo prazo, as exibições também podem ser negociadas com faculdades de jornalismo e outras entidades voltadas ao jornalismo.

2.4. CUSTOS E GASTOS

Para os deslocamentos dentro de Campinas, utilizamos veículos próprios e transporte público. Foram cinco deslocamentos para entrevistas com as fontes, que geraram um custo de R\$ 130. Outras três fontes foram entrevistadas em locais nos quais o grupo já estava/frequenta (faculdade ou estágio). Para a gravação de passagens e imagens de apoio, foram dois deslocamentos, que gerando um custo de R\$ 50.

Houve também uma ida para São Paulo (SP) para duas entrevistas. O grupo investiu R\$ 160 em combustível e estacionamento, e R\$ 49,20 com pedágio. Como neste dia o agendamento com o cinegrafista foi para o dia todo, foi necessário fazer uma pausa de uma hora para o almoço. Os integrantes gastaram R\$ 180 com as três refeições. Já o almoço do cinegrafista custou R\$ 60,89.

Assim, o gasto total com a série de reportagens foi de R\$ 630,09.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBEIRO, H.; LIMA, P. R. de. **Manual de Telejornalismo**: os segredos da notícia na tv. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

CARVALHO, A. *et al.* **Reportagem na TV**: como fazer, como produzir, como editar. São Paulo: Contexto, 2010.

EMERIM, C. O texto na reportagem de televisão. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul. **Anais [...]**, São Paulo: Intercom, 2010.

LAMOUNIER, A. F.; OLIVEIRA, A. C. C. de. Os desafios do repórter cinematográfico em um ano de pandemia: um estudo de caso. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 19., 2021, Brasília. **Anais [...]**: Galoá, 2021.

MARTINS, M. O. A ascensão de estratégias amadoras no telejornalismo profissional: Uma nova visibilidade potencializada pelas limitações técnicas trazidas pela Covid-19. In: EMERIM, Cárilda; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska. **A (re)invenção do telejornalismo em tempos de pandemia**. Florianópolis: Insular, 2020. E-book.

OLIVEIRA, M. Metajornalismo: do discurso normativo à autorreferencialidade como condição ética. **Sur Le Journalisme, About Journalism, Sobre Jornalismo**, v. 2, n. 8, p. 32-43, jan. 2017. Disponível em: <<https://revue.surlejournalisme.com/slj/article/view/254>>. Acesso em: 27 maio 2023.

PATERNOSTRO, V. I. **O texto na TV**: manual de telejornalismo. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

STANCKI, R. **Entranhas da imprensa**: teoria e prática dos gêneros jornalísticos. Curitiba: InterSaberes, 2018.

ANEXOS

Roteiro final de edição

Episódio 1



Data:	Nº fita bruta:	Câmera:	Editores de texto: Beatriz Cezar Luiz Oliveira Renan Fiorentini	Retranca TCC SEQUELAS EPI			
Produtor(a) / Pauteiro (a): Beatriz Cezar, Luiz Oliveira e Renan Fiorentini Repórter: Luiz Oliveira							
Ano:	2023	Turma:	0104	Período:	Noturno	Professor(a):	Carlos Alberto Zanotti

Considerar as iniciais para a identificação da fonte em cada take:

DF = DEISY FEITOSA
IL = ISABELA LEITE
KA = KARLA ALBUQUERQUE
MC = MARCOS CRIPA
SG = SANDRA GRANZOTTI
SU = SÉRGIO UTSCH

Take	Seleção	Descrição	Off, Passagem, Sonora
SEQUÊNCIA: CHEGADA DA INTERNET TV CULTURA CAI CELULAR CAI PAREDÃO BARBA AZUL FILMANDO ENTREVISTADO CAI BRAZ1809_01	 2'55" - 3'07" 0'16" - 0'22" 0'10" - 0'17" 0'48" - 0'55"	 OFF	COM A CHEGADA DA INTERNET E O AVANÇO DAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO/ UMA NOVA ESTÉTICA COMEÇOU A GANHAR CORPO NA TELEVISÃO// DOS PADRÕES RÍGIDOS DE SUA ORIGEM/ O MEIO ABSORVEU E NATURALIZOU CONTEÚDOS QUE ERAM CONSIDERADOS COISAS DE AMADORES OU AINDA DE UMA EMISSORA SEM RECURSOS PARA PRODUZIR JORNALISMO DE BOA QUALIDADE// É O CASO DAS ENTREVISTAS VIRTUAIS OU COBERTURAS FEITAS COM CELULARES.//
BRAZ2100_01 08/11 - CHICÃO	0'04" - 0'14"	PASSAGEM	NESSA REPORTAGEM ESPECIAL EM TRÊS EPISÓDIOS/ VAMOS INVESTIGAR COMO A CRISE FINANCEIRA/ O

			AVANÇO DA INTERNET E AS NOVAS TECNOLOGIAS ESTÃO TRANSFORMANDO O TELEJORNALISMO NOS ÚLTIMOS ANOS//
BRAZ2102_01 08/11 - CHICÃO COBRIR: BRAZ2076_01 BRAZ2087_01 BRAZ2080_01	0'03" - 0'15"	PASSAGEM (COBRIR TUDO)	VAMOS FALAR DE MUDANÇAS ESTÉTICAS / MAS VAMOS TAMBÉM INVESTIGAR AS DIFICULDADES DO DIA A DIA DE PROFISSIONAIS QUE PASSARAM A ACUMULAR FUNÇÕES NOS DEPARTAMENTOS DE JORNALISMO//
BRAZ2104_01 08/11 - CHICÃO	0'03" - 0'10"	PASSAGEM	E VAMOS SABER DELES E DE ESTUDIOSOS DA ÁREA QUAL FUTURO AGUARDA OS PROFISSIONAIS DE IMPRENSA //
VHT			VINHETA
Cobrir com: VHT TV TUPI VHT REP. ESSO JN BRAZ1893_01 RÁDIO	- - - - 6'10" - 6'18" -	OFF	DESDE SUA CHEGADA AO BRASIL, EM 1950/ A TELEVISÃO E O TELEJORNALISMO VÊM SE ADAPTANDO AOS NOVOS TEMPOS E EXPERIMENTANDO GRANDES TRANSFORMAÇÕES// NO COMEÇO/ A GRANDE INSPIRAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE IMPRENSA FOI O MEIO ELETRÔNICO QUE ANTECEDEU O IMPÉRIO DA IMAGEM //
DF/BRAZ_1892_05	16'13" - 16'24" 16'25" - 16'58"	SONORA	"É ENTÃO A GENTE TEM UM TELEJORNALISMO

			<p>QUE DE CERTA MANEIRA BEBE MUITO DA RÁDIO A GENTE TEM A TELEVISÃO QUE EM 1950 CHEGA COM O ASSIS CHATEUBRIAND NA TV TUPI//”</p> <p>A GENTE TEM O IMAGENS DO DIA COM UMA LOCUÇÃO COM PERFIL QUE VEM MAIS DO RÁDIO, A MANEIRA DE NARRAR, DE CONTAR AS HISTÓRIAS, ERA MUITO MAIS TEXTUAL QUE VISUAL. LOGO EM SEGUIDA A GENTE TEM O REPÓRTER ESSO TESTEMUNHA OCULAR DA HISTÓRIA ENTÃO A GENTE VAI SE EXPANDINDO ENQUANTO LINGUAGEM DEPOIS TEM O JORNAL NACIONAL QUE VEM COM UM JORNALISMO QUE É PRATICADO EM REDE NACIONAL E CADEIA NACIONAL E QUE SE EXPANDE E SE LEGITIMA COMO LINGUAGEM//”</p> <p>GC: Deisy Feitosa pesquisadora</p>
<p>00041 (9/11) BRAZ1808_01-30/9 CHEGADA INTERNET</p>	<p>- 0'00" - 0'04"</p>	<p>OFF</p>	<p>COM A CHEGADA DA REDE MUNDIAL DE COMPUTADORES EM 1988/ A TELEVISÃO JÁ COMEÇOU A FLEXIBILIZAR PADRÕES DE QUALIDADE// A INTENÇÃO ERA APROVEITAR IMAGENS OBTIDAS GRATUITAMENTE/ E</p>

			TRAZER O PÚBLICO PARA DENTRO DA TELINHA//
SG/00000	01'47" - 02'04"	SONORA	<p>“LÓGICO QUE TV, SEMPRE, (PRINCIPALMENTE A GLOBO, AFILIADAS), QUALIDADE EM PRIMEIRO LUGAR. JAMAIS, JAMAIS, UMA IMAGEM TREMIDA NO AR, UMA IMAGEM MAL-FEITA, UMA IMAGEM DESFOCADA. SEMPRE FOI A QUALIDADE QUE IMPEROU”</p> <p>GC: Sandra Granzotti coordenadora de reportagem da EPTV Campinas</p>
MC/BRAZ1881_01_1	16'32" - 16'56"	SONORA	<p>“O MUNDO TÁ TÃO RÁPIDO MUITO RÁPIDO E TAL QUE ELES TÊM QUE ABRIR MÃO DE ALGUMAS COISAS E ELES MÃO DESSA TAL ‘QUALIDADE GLOBO DE TELEJORNALISMO’, ‘QUALIDADE GLOBO DE TELEVISÃO’ PORQUE EU SEMPRE PENSEI QUE O IMPORTANTE DE UMA NOTÍCIA É O FATO”</p> <p>GC: Marcos Cripa professor de telejornalismo e ex-diretor de jornalismo</p>
AQUIAGORA RUSSOMANO	- 4'42" - 5'00"	OFF	IMAGENS MENOS SOFISTICADAS/ TREMIDAS E MAL

REBELIÃO	2'34" - 2'56" 4'52" - 5'05" 3'00" - 3'07"		ENQUADRADAS TAMBÉM ERAM COMUNS NO INÍCIO DO TELEJORNALISMO// MAS ISSO ACONTECIA APENAS EM ALGUNS PROGRAMAS/ COMO O AQUI AGORA/ DO SBT//
MC/BRAZ1881_01_1	16'49" - 17'08"	SONORA	SE A FOTO TÁ LINDAMENTE TIRADA, SE A IMAGEM TÁ LINDAMENTE... SE O SOM... É OUTRO PROBLEMA QUE A GENTE VAI TENTAR CORRIGIR NA EMISSORA E VAI TENTAR BUSCAR A MELHOR APRESENTAÇÃO PARA O TELESPECTADOR ///
00002 07/11 - ALEX	0'07" - 0'23"	PASSAGEM	A QUEDA DE RÍGIDOS PADRÕES ESTÉTICOS NO TELEJORNALISMO DE REFERÊNCIA TROUXE DUAS PRINCIPAIS CONSEQUÊNCIAS // PRIMEIRO/ PERMITINDO O APROVEITAMENTO DE FLAGRANTES FORNECIDOS DE GRAÇA PELO PÚBLICO// E SEGUNDO/ CONSOLIDANDO A FIGURA DO VIDEORREPORTER/ QUE TRABALHA SOZINHO NAS RUAS//
VHT TV MIX ABELHA 00012 (16/9) WESLEY GINÁSIO	0'00" - 0'11" 0'00" - 0'12" 0'08" - 0'15" 0'21" - 0'40"	OFF	O PROFISSIONAL QUE ATUA SOZINHO NÃO É NOVO// O REPÓRTER-ABELHA/ COMO FICOU CONHECIDO/ SURTIU EM 87 NA 'TV MIX'/ DA TV GAZETA// AGORA/ COM OS CELULARES/ O

			EQUIPAMENTO FICOU UM POUCO DIFERENTE// A EPTV É UMA DAS EMISSORAS/ QUE ADERIU RECENTEMENTE A ESSE MODELO DE GRAVAÇÃO DE REPORTAGENS///
SG00000	05'15" - 05'45"	SONORA	“QUANDO VOCÊ CHEGA COM O EQUIPAMENTO GRANDE, ACENDE ESSA LUZ, PRINCIPALMENTE A PESSOA MAIS TÍMIDA, ELA JÁ SE INIBE TODA, NÉ? ELA JÁ NÃO FALA, É NORMAL ASSIM, A PESSOA JÁ TRAVA, GAGUEJA... QUANDO CHEGA VOCÊ, UMA ÚNICA PESSOA (NÃO CHEGA O ILUMINADOR, O REPÓRTER, O CINEGRAFISTA), É SÓ VOCÊ COM O EQUIPAMENTO NA MÃO, PEQUENININHO, ENTÃO O PAPO, A CONVERSA, FICA MUITO MAIS INTIMISTA E A PESSOA ELA ACABA SE ABRINDO MAIS, VAMOS DIZER“
BRAZ1806_01 30/9 00004 (16/9) EDIJAN CICLOVIA	0'00" - 0'08" 0'04" - 0'02" 0'34" - 0'40" 0'45" - 0'53"	OFF	A FLEXIBILIZAÇÃO DE PADRÕES ESTÉTICOS E A NATURALIZAÇÃO DO VIDEORREPORTER /PARECEM NÃO TER TIDO IMPACTO NEGATIVO NAS PRODUÇÕES JORNALÍSTICAS// PARA OS PROFISSIONAIS DA ÁREA/ O TELEJORNALISMO NÃO PERDEU SUA ESSÊNCIA//
SG00000	07'01" - 07'39"	SONORA	

COBRIR COM: SÉRIE WESLEY			QUALIDADE SUPER MANTIDA. SE VOCÊ PEGA UMA VIDEOREPORTAGEM NOSSA, QUE VAI AO AR, FEITA PELOS NOSSOS, VOCÊ NÃO PERCEBE EM NADA A PERDA DE QUALIDADE. E HOJE VOCÊ SAI COM O KIT MULTIMÍDIA, NÃO É QUALQUER CELULAR, QUALQUER APARELHO QUE VOCÊ VAI ESTAR... É UM APARELHO PRÓPRIO, ELE TEM O KIT, TEM O TRIPÉZINHO, É O KIT MULTIMÍDIA MESMO.
UTSCH GAZA UTSCH UCRÂNIA UTSCH	1'48" - 2'14" 0'57" - 1'26" 5'35" - 5'45"	OFF	A VIDEOREPORTAGEM PERDEU A TIMIDEZ E SE EXPANDIU PELO MUNDO // NA ATUALIDADE/ BOA PARTE DOS CORRESPONDENTES INTERNACIONAIS SÃO VIDEOREPÓRTERES// MUITAS VEZES ELES TAMBÉM UTILIZAM O CELULAR PARA FAZER GRANDES REPORTAGENS//
SU - - IMAS DE APOIO: 00027 (7/11) . .	11'31" - 11'40" 12'22" - 12'39" 19'06" - 19'09" - 0'05" - 0'10" 0'10" - 0'28" 0'28" - 0'36"	SONORA	"HOJE EU TENHO USADO MUITO O CELULAR PORQUE A QUALIDADE É INCRÍVEL. É IMPRESSIONANTE COMO ESSAS COISAS EVOLUÍRAM" "EU TE DOU UM EXEMPLO, A GENTE TAVA AGORA NA ÁFRICA, POR EXEMPLO, COM EQUIPAMENTO COMPLETO, MAS CHEGOU

			<p>UM MOMENTO EM QUE A GENTE TAVA NUM PONTO QUE TINHA POUCA LUZ, E FOI MELHOR GRAVAR COM O CELULAR DO QUE COM A CÂMERA. PORQUE A CAPTAÇÃO DE LUZ PELO CELULAR É INFINITAMENTE MELHOR”</p> <p>GC: Sérgio Utsch correspondente do SBT</p>
<p>00013 09/11 - ALEX</p>	<p>0’13” - 0’18”</p>	<p>PASSAGEM</p>	<p>NA TENTATIVA DE MANTER UM BOM NÍVEL NA QUALIDADE DA IMAGEM/ AS EMISSORAS TREINAM SEUS PROFISSIONAIS PARA FAZEREM BOM USO DO CELULAR// QUANTO À CONTRIBUIÇÃO DO PÚBLICO/ FICA VALENDO UM VALOR FUNDAMENTAL NA DISPUTA PELA AUDIÊNCIA/ QUE É GARANTIR O FURO DE REPORTAGEM//</p>
<p>SG00000</p>	<p>02’12” - 02’38” 02’43” - 02’52”</p>	<p>SONORA</p>	<p>“COMO TODO MUNDO HOJE TEM UM CELULAR NA MÃO, HOJE, ASSIM, A PESSOA, QUALQUER MORADOR, ELE VIROU UM GRANDE PARCEIRO NOSSO.</p> <p>“E CLARO QUE O TELESPECTADOR COM O CELULAR NA MÃO NÃO VAI TER A MESMA QUALIDADE QUE A GENTE TEM COM O EQUIPAMENTO DE</p>

			TELEVISÃO. MAS O QUE QUE VALE: DAR A NOTÍCIA EM PRIMEIRA MÃO”
OFF	OFF	OFF	APESAR DAS MUDANÇAS ESTÉTICAS / É EXATAMENTE A INFORMAÇÃO QUE MAIS IMPORTA PARA O JORNALISMO / ELA É MANTIDA E LEVADA COM RAPIDEZ E PRECISÃO PARA O TELESPECTADOR//
DF/BRAZ1893_01	01’51” - 02’01” 02’02” - 02’10”	SONORA	“O CONTEÚDO, PRA MIM, É MUITO MAIS IMPORTANTE. E ATÉ A LINGUAGEM, DO QUE A PERFEIÇÃO ESTÉTICA DA IMAGEM”
MC/BRAZ1881_03	17’57” - 18’03”	SONORA	“NÃO É CINEMA. JORNALISMO ELE É A REALIDADE, E COMO TAL DEVE SER TRATADO”
KA IMAS DE APOIO: 00025 (7/11)	24’49” - 25’01” - 0’00” - 0’10”	SONORA	“PRA MIM, COMO JORNALISTA O QUE INTERESSA É ESSA DEMOCRATIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO. O QUE ME INTERESSA É QUE A PESSOA QUE ESTEJA ASSISTINDO O JORNAL QUE EU TRABALHO ELA ENTENDA O QUE A GENTE TÁ FALANDO” GC: Karla Albuquerque editora da Globo News

<p>00024 07/11 - ALEX</p>	<p>0'56" - 1'16"</p>	<p>PASSAGEM</p>	<p>A INTERNET POSSIBILITOU ENTREVISTAS COMO ESSA/ A DISTÂNCIA // NELAS O REPÓRTER E O ENTREVISTADO ESTÃO EM SUAS PRÓPRIAS CASAS/ UTILIZANDO UM COMPUTADOR/ UM FONE DE OUVIDO E UMA WEBCAN // ESSA MODALIDADE DE ENTREVISTA TORNOU-SE CORRIQUEIRA NA TELEVISÃO/ PRINCIPALMENTE A PARTIR DA PANDEMIA DA COVID-19//</p>
<p>SU . IMAGENS DE APOIO: 00027 (7/11) -</p>	<p>24'27" - 24'37" 24'51" - 25'09" . . 0'36" - 0'46" 0'46" - 1'04"</p>	<p>SONORA</p>	<p>“EU ENTENDO QUE ESTETICAMENTE É MUITO MAIS BONITO, TALVEZ, VOCÊ ESTAR ALI COM O REPÓRTER NA FRENTE DO ENTREVISTADO, SENTADO, TETE A TETE” “TEM VEZ QUE NÃO VAI SER POSSÍVEL, ENTÃO EU ACHO QUE É UMA BOA ALTERNATIVA. ELA SUBSTITUI? NÃO! EU ACHO QUE ELA NÃO SUBSTITUI. EU ACHO QUE É AINDA MELHOR VOCÊ ESTAR ALI NO OLHO NO OLHO. MAS AS VEZES VOCÊ NÃO VAI TER TEMPO, ENTÃO É MELHOR VOCÊ TER ALGO QUE NÃO É IDEAL DO QUE VOCÊ NÃO TER”</p>
<p>IL <i>COBRIR COM:</i></p>	<p>11'32" - 11'58" -</p>	<p>SONORA</p>	<p>“ESSA CONVERSA E ESSA POSSIBILIDADE DE VOCÊ FAZER TRANSMISSÕES E COLOCAR AO VIVO</p>

<p>ISABELA</p> <p><i>IMAS DE APOIO:</i></p> <p>00027 (7/11)</p>	<p>0'10" - 0'18"</p> <p>-</p> <p>2'57" - 3'22"</p>		<p>PESSOAS DE QUALQUER LUGAR DE UM CELULAR SEM A NECESSIDADE DE TER UM CINEGRAFISTA VOCÊ TEM VÁRIAS PLATAFORMAS HOJE, VÁRIOS APLICATIVOS. E EU POR EXEMPLO... NÓS CONSEGUIMOS AUMENTAR MUITO ISSO E APRENDER MUITO COM ISSO COMO FAZER JORNALISMO DESSA FORMA NA PANDEMIA//</p> <p>GC: Isabela Leite repórter e apresentadora da GloboNews</p>
<p>COBRIR COM:</p> <p>BBC</p> <p>00025 (7/11)</p>	<p>-</p> <p>0'02" - 0'38"</p> <p>1'20" - 1'35"</p>	<p>OFF</p>	<p>E FOI EXATAMENTE NESSE MOMENTO/ NA PANDEMIA/ QUE GAFES E CENAS INUSITADAS SE TORNARAM COMUNS NA TELEVISÃO// APESAR DA FACILIDADE E VELOCIDADE COM QUE AS ENTREVISTAS A DISTÂNCIA SÃO FEITAS / ELAS TAMBÉM TÊM ASPECTOS NEGATIVOS/ COMO UMA INTERAÇÃO MENOR ENTRE ENTREVISTADOR E ENTREVISTADO // NA AVALIAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA ÁREA/ ISSO NADA PREJUDICA O RESULTADO FINAL//</p>
<p>KA</p> <p><i>IMAS DE APOIO:</i></p>	<p>04'50" - 05'24"</p> <p>-</p>	<p>SONORA</p>	<p>“VOCÊ TÁ OUVINDO O ENTREVISTADO, O ENTREVISTADO TÁ EM</p>

00025 (7/11)	0'10" - 0'43"		CASA, TEM INTERFERÊNCIA, TEM O FILHO CORRENDO DE UM LADO, TEM CACHORRO, TEM CAMPAINHA TOCANDO. ENTÃO TEVE ESSE DESAPEGU MUITO ESTÉTICO E TÉCNICO TAMBÉM PORQUE ACONTECE, A INTERNET É INSTÁVEL AS VEZES TRAVA, CAI O SINAL”
IL IMAS DE APOIO: 00027 (7/11)	11'58" - 12'23" - 3'22" - 3'47"	SONORA	“MAS ISSO DEPOIS FOI UM RECURSO QUE PARA MIM FOI PASSIVO ASSIM UM REPERTÓRIO ENORME QUE EU ESTOU USANDO NESSA COBERTURA DE GUERRA DE ISRAEL E DO HAMAS, NA FAIXA DE GAZA, QUE A GENTE CONSEGUE FALAR COM AS PESSOAS, AS PESSOAS MANDAM VÍDEO, POR MAIS QUE A INTERNET SEJA ESCASSA, É MUITO DIFERENTE QUE A GENTE TINHA HÁ 15 ANOS ATRÁS”
00031 (7/11) BRAZ2088_01-8/11 BRAZ1820_01-30/9 CC/0006	0'00" - 0'15" 0'04" - 0'15" 0'00" - 0'07" 0'00 - 0'15"	OFF	AO LADO DAS INOVAÇÕES/ A TECNOLOGIA TROUXE TAMBÉM PREOCUPAÇÕES AOS PROFISSIONAIS DE IMPRENSA// O JORNALISMO JÁ NÃO É MAIS A ÚNICA FONTE DE NOTÍCIAS NO MUNDO DAS REDES SOCIAIS// INSTITUIÇÕES PÚBLICAS E PRIVADAS/ INFLUENCIADORES/ ATORES POLÍTICOS E O

			PÚBLICO PASSARAM A CRIAR SEUS PRÓPRIOS CANAIS PARA FALAR COM A SOCIEDADE// PARA PROFISSIONAIS EXPERIENTES/ O JORNALISMO PRECISAR INCORPORAR INOVAÇÕES E ENCONTRAR NOVOS RUMOS//
KA IMAS DE APOIO: 00025 (7/11)	12'00" - 12'13" - 0'43" - 0'55"	SONORA	“SE O JORNALISMO NÃO SE REINVENTAR, NÃO ACOMPANHAR ESSE MOVIMENTO, ESSA ERA DIGITAL, ELE VAI ESTAR FADADO A MORRER NO OSTRACISMO”
OFF COBRIR COM IMAS DO EP2		OFF	NO PRÓXIMO EPISÓDIO, VAMOS VER COMO AS MUDANÇAS TECNOLÓGICAS AFETARAM O TRABALHO DOS PROFISSIONAIS DE IMPRENSA// HOJE/ ELES ACUMULAM NOVAS FUNÇÕES, VIVEM UMA SOBRECARGA DE TRABALHO E QUESTIONAM A QUALIDADE DA INFORMAÇÃO LEVADA AO PÚBLICO//

Episódio 2

Data:	Nº fita bruta:	Câmera:	Editores de texto: Beatriz Cezar Luiz Oliveira Renan Fiorentini	Retranca TCC SEQUELAS EP2			
Produtor(a) / Pauteiro (a): Beatriz Cezar, Luiz Oliveira e Renan Fiorentini							
Repórter: Luiz Oliveira							
Ano:	2023	Turma:	0104	Período:	Noturno	Professor(a):	Carlos Alberto Zanotti

Considerar as iniciais para a identificação da fonte em cada take:

CC: CAROLINA CERQUEIRA
 DF: DANIELY FERNANDES
 GC: GUILHERME CELEGATO
 HM: HÉRISDER MATIAS
 MQ: MÁRCIA QUINTANILHA
 RF: ROSELI FIGARO

Take	Seleção	Descrição	Off, Passagem, Sonora
COBRIR COM GC/ BRAZ1813_01 GC/BRAZ1821_01 CC00005 CC00003 CC00009		OFF	A EQUIPE DE REPORTAGEM DE TV/ QUE ANTES ERA FORMADA POR CINCO PESSOAS/ VIU O NÚMERO DE PROFISSIONAIS DIMINUIR// O AVANÇO TECNOLÓGICO PERMITIU QUE FUNÇÕES COMO ILUMINADOR/ OPERADOR DE ÁUDIO E ATÉ MOTORISTA PUDESSEM FICAR SOB A RESPONSABILIDADE DE REPÓRTERES E CINEGRAFISTAS//
BRAZ2107_01 08/11 - CHICÃO	0'01" - 0'11"	PASSAGEM	NESTE SEGUNDO EPISÓDIO / VAMOS VER QUE ESSAS MUDANÇAS FORAM IMPULSIONADAS PRINCIPALMENTE PELA CRISE FINANCEIRA QUE ATINGE O JORNALISMO NO MUNDO TODO//
COBRIR COM: IMAGENS SITES		OFF	A PERDA DE RECEITA PARA AS GRANDES EMPRESAS DE TECNOLOGIA, COMO O

PUBLICIDADE GOOGLE			GOOGLE, OBRIGA CHEFIAS E GESTORES A BUSCAR MEIOS PARA BARATEAR OS CUSTOS DE PRODUÇÃO//.
		VINHETA	VINHETA
COBRIR COM: BRAZ1805_01 (23/9) BRAZ1807_01 (23/9) BRAZ1808_01 (23/9) 00006 (16/9) 00009 (16/9)		OFF	TENDO SUPERADO O MODELO FORDISTA, EM QUE CADA TRABALHADOR EXERCIA UMA ÚNICA FUNÇÃO/ O MERCADO DE TRABALHO MODERNO EXIGE QUE OS SEUS PROFISSIONAIS SEJAM CADA VEZ MAIS MULTITAREFAS// COM O JORNALISMO NÃO É DIFERENTE// A FUNÇÃO DE VIDEORREPORTER JÁ EXISTIA NA TV/ MAS AGORA ESTÁ SENDO EXPLORADA CADA VEZ MAIS//
GC/BRAZ1804_01 COBRIR COM BRAZ1828_01	2'58" – 3'32" 0'02" - 0'08"	SONORA	EU QUE FAÇO A CAPTAÇÃO DAS IMAGENS EU QUE MONTO MEU EQUIPAMENTO AGORA EU TAMBÉM PASSO A DIRIGIR, PORQUE ATÉ ANO PASSADO EU TINHA MOTORISTA, ENTÃO ACABAVA SENDO UM POUQUINHO MAIS FÁCIL A MINHA ROTINA, MAS AGORA DEFINITIVAMENTE EU ACABO FAZENDO TUDO. AINDA NÃO EDITO, SEI EDITAR, MAS POR ENQUANTO FAÇO MESMO SÓ A QUESTÃO DE IR PARA A RUA, FAÇO AS IMAGENS, ENTREVISTAS, CHAMO AS PESSOAS PARA FAZER A SONORA, POVO FALA E

			TENTO FAZER O MELHOR POSSÍVEL PARA CONSEGUIR ENTREGAR UM TRABALHO DE QUALIDADE
BRAZ1812_01 (23/9) DANI BOLETIM DANI TEMPO	0'02" - 0'08" 1'31" - 1'37" 0'09" - 0'19"	OFF	ALÉM DOS VIDEORREPORTERES, QUE INCORPORARAM VÁRIAS FUNÇÕES NUM ÚNICO PROFISSIONAL/ AS REDAÇÕES TAMBÉM EXPERIMENTARAM UM MOVIMENTO SEMELHANTE// SEUS NOVOS PROFISSIONAIS PRECISARAM INCORPORAR NOVAS TAREFAS EM SUAS ROTINAS PRODUTIVAS//
DF00000 COBRIR COM: DANI 2021	4'17" - 4'22" 4'51" - 5'09" 5'42" - 5'58" . 0'15" - 0'22"	SONORA	HOJE ENTÃO.EU TENHO AS FUNÇÕES DE PRODUTORA E APRESENTADORA DA PREVISÃO DO TEMPO. E DESDE SEMPRE, DESDE A MINHA ÉPOCA DE ESTÁGIO A GENTE SEMPRE COLABOROU COM OS PORTAIS, COM O g1 E A CIDADE ON, E TAMBEM RECENTEMENTE O GRUPO QUE A GENTE TRABALHA ADQUIRIU DUAS RÁDIOS, ENTÃO A GENTE TAMBÉM DESEMPENHA ESSAS FUNÇÕES, A GENTE FAZ COLABORAÇÕES PRA RÁDIO AS VEZES A GENTE DESENVOLVE PAUTAS A PARTIR DOS FACTUAIS, A PARTIR DO QUE ACONTECE, ENTÃO A GENTE FAZ TUDO

			JUNTO. COM CERTEZA CONTINUO FAZENDO O PAPEL DE APURADORA TAMBÉM
<p>RF</p> <p>COBRIR COM:</p> <p>BRAZ2080_01 (8/11)</p> <p>BRAZ2076_01 (8/11)</p> <p>IMAS DE APOIO:</p> <p>00027 (7/11)</p>	<p>21'09" - 21'44"</p> <p>.</p> <p>0'10" - 0'16"</p> <p>0'01" - 0'04"</p> <p>.</p> <p>1'14" - 1'23"</p>	SONORA	<p>HÁ UMA REDUÇÃO NUMÉRICA MUITO FORTE NO NÚMERO DE PROFISSIONAIS EM TODOS OS VEÍCULOS. HÁ UMA POLIVALÊNCIA E UMA FLEXIBILIDADE DA PRÁTICA JORNALÍSTICA, OU SEJA, DA ATUAÇÃO DO JORNALISTA EM VÁRIAS FUNÇÕES, EM VÁRIOS DISCURSOS, EM VÁRIAS MODALIDADES, DE GÊNEROS DE COMUNICAÇÃO.</p> <p>GC: Roseli Figaro Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT)/USP</p>
<p>00025</p> <p>09/11 - ALEX</p>	<p>0'17" - 0'35"</p>	PASSAGEM	<p>COM AS REDAÇÕES FICANDO CADA VEZ MENORES/ OS TELEJORNAIS TIVERAM QUE ENCONTRAR FÓRMULAS PARA LEVAR A INFORMAÇÃO AO PÚBLICO // GRANDES COBERTURAS / COMO A DA APLICAÇÃO DA PRIMEIRA VACINA CONTRA COVID-19 EM CAMPINAS / ACABAM SENDO FEITAS POR APENAS UMA REPÓRTER/ COM UM CELULAR E UM TRIPÉ// FOI O QUE ACONTECEU COM UMA REDE NACIONAL DE</p>

			TELEVISÃO//
CC00000 COBRIR COM: CNN 360	02'00" - 02'08" 03'21" - 03'44" 10'58" - 11'19"	SONORA	COBRIR A VACINAÇÃO CONTRA A COVID AQUI EM CAMPINAS FOI A MELHOR COISA QUE ACONTECEU NA PANDEMIA PRA MIM. EU FUI PRA LÁ, COM O CELULAR, IA FAZER A COBERTURA COMO ELES TINHAM ME PEDIDO. ERA ENTRADA AO VIVO. QUANDO EU CHEGUEI LÁ ELES ME DISSERAM "AH, A GENTE NÃO VAI MAIS PRECISAR DE VOCÊ, A GENTE TÁ MANDANDO A REPÓRTER DE SÃO PAULO PRA AÍ". EU FALEI "NÃO, DESCULPA. EU JÁ TÔ AQUI, A SUA REPÓRTER NÃO CHEGOU, TODA IMPRENSA TÁ POSICIONADA, VOCÊS VÃO PERDER. EU TÔ AQUI, EU VOU FAZER".
CC00000	04'53" - 05'05"	SONORA	O CELULAR É MAIS LEVE. ENTÃO ATÉ POSICIONAR O TRIPÉ É MAIS FÁCIL. VOCÊ CARREGA E BOTA EM QUALQUER LUGAR, ENTÃO ISSO É MUITO TRANQUILO. POR OUTRO LADO, VOCÊ TÁ A MERCÊ DE QUALQUER PROBLEMA
CNN 360	10'44" - 10'56"	SOBE-SOM	D.I: "Carolina, movimentação..." D.F: "aqui na Unicamp"
COBRIR COM: PLANTÃO GLOBO	5'02" - 5'24"	OFF	AS COBERTURAS REALIZADAS COM O CELULAR NÃO SE LIMITAM APENAS A PAUTAS

			PLANEJADAS// EM 2021/ O ACIDENTE QUE MATOU A CANTORA SERTANEJA MARÍLIA MENDONÇA// COM REPERCUSSÃO INTERNACIONAL/ TEVE SUA COBERTURA REALIZADA AO VIVO COM O APOIO EXCLUSIVO DE UM ÚNICO SMARTPHONE//
HM IMAS DE APOIO: 00027 (7/11)	15'22" - 15'32" 15'54" - 16'01" 04'14" - 04'22" 04'25" - 04'32"	SONORA	AQUELE DIA EU FALEI ASSIM: NOSSA, SEXTA- FEIRA, VAI SER UM DIA TRANQUILO, TÔ ACHANDO QUE VAI SER UM FINAL DE SEMANA TRANQUILO. E 20 OU 30 MINUTOS DEPOIS TUDO MUDOU. CHEGOU UMA INFORMAÇÃO DO SAMU, ALIÁS, DOS BOMBEIROS, FALANDO DE UM ACIDENTE DE AVIÃO
PLANTÃO GLOBO	0'38" - 0'52"	SOBE-SOM	<i>COMEÇAR A COBRIR COM ESSAS IMAGENS NO FINAL DA SONORA ANTERIOR, MAS SUBIR O SOM A PARTIR DE:</i> D.I: "Agora o Hérisder..." D.F: "Não, não, não"
HM COBRIR COM: 00027 (7/11) PLANTÃO GLOBO	36'11" - 36'36" 37'58" - 38'06" 4'33" - 5'12" 5'49" - 6'05"	SONORA	E CHEGOU UM MOMENTO... PORQUE A GENTE NÃO ACHA QUE VAI ENTRAR AO VIVO FICAR 1 HORA, 1 HORA E MEIA, DUAS HORAS VOCÊ NÃO ACHA QUE VAI FICAR AO VIVO O TEMPO TODO. E CHEGOU UMA HORA POR VOLTA DAS SEIS HORAS O CELULAR

			<p>APRESENTOU 20% DE BATERIA FOI O MOMENTO QUE EU CONSEGUIR CONECTAR O CARREGADOR PORTÁTIL</p> <p>ENTÃO EU TIVE QUE ESCOLHER RECARREGAR O CELULAR OU RECARREGAR A BATERIA DA ILUMINAÇÃO, EU ESCOLHI RECARREGAR O CELULAR</p>
<p>HM</p> <p>COBRIR COM:</p> <p>00027 (7/11)</p> <p>JORNAL NACIONAL</p>	<p>39'26" - 39'32" 39'39" - 39'45"</p> <p>.</p> <p>4'33" - 5'12"</p> <p>00'20" - 00'40"</p>	<p>SONORA</p>	<p>E AI QUANDO EU TERMINEI TODO ESSE TRABALHO ERA SETE E QUARENTA SETE E CINQUENTA</p> <p>E AI O PESSOAL DO VALE DO AÇO CHEGOU PARA QUE EU PUDESSE ENTRAR AO VIVO DENTRO DO JORNAL NACIONAL</p>
<p>BRAZ2071_01</p> <p>08/11 - CHICÃO</p>	<p>0'06" - 0'23"</p>	<p>PASSAGEM</p>	<p>O TELEJORNALISMO PERCEBEU QUE O USO DO CELULAR É POSITIVO EM UMA COBERTURA/ DEVIDO A FACILIDADE DE MOVIMENTAÇÃO DO REPÓRTER// MAS QUANDO MUITAS FUNÇÕES FICAM ACUMULADAS EM UM ÚNICO PROFISSIONAL/ RESULTADO PODE NÃO SER O MELHOR/ LEVANDO O JORNALISTA A COMETER ERROS E DESLIZES //</p>
<p>CC/00001</p> <p>COBRIR COM:</p>	<p>01'39" - 01'52" 02'02" - 02'13"</p> <p>.</p>	<p>SONORA</p>	<p>EU ACHO MUITO COMPLEXO VOCÊ, ENQUANTO REPÓRTER, TER QUE SE PREOCUPAR COM APURAÇÃO, COM AQUILO</p>

CNN 360	10'58" - 11'10"		<p>QUE VOCÊ VAI FALAR, COM A FORMA QUE VOCÊ VAI NOTICIAR AQUILO, E TER TAMBÉM QUE SE PREOCUPAR COM A CAPTAÇÃO DA IMAGEM.</p> <p>ENTÃO SE EU TÔ APURANDO, E AO MESMO TEMPO FAZENDO A IMAGEM, EU TÔ EM DÍVIDA COM ALGUMA COISA. TÔ EM DESVANTAGEM, NO MÍNIMO. ENTÃO ACHO QUE, NESSE PONTO, SERIA SEMPRE IDEAL TER UM APOIO.</p>
GC/BRAZ1804_01	15'56" - 16'19"	SONORA	<p>AS VEZES EU PERCEBO QUE AS CHEFIAS DE REPORTAGEM ACABAM NÃO TENDO UM OLHAR MAIS CUIDADOSO PARA A VIDEOREPORTAGEM JUSTAMENTE POR ESSA QUESTÃO DE ACHAR QUE O VIDEORREPÓRTER PODE FAZER QUALQUER TIPO DE PAUTA. E NÃO É ASSIM QUE FUNCIONA, INFELIZMENTE. PORQUE NÓS ESTAMOS ALI DEFASADOS DE UMA CERTA FORMA A GENTE ESTÁ SOZINHO LITERALMENTE...</p>
DF00001	0'09" - 0'26" 1'14" - 1'34"	SONORA	<p>SÃO MUITAS FUNÇÕES, SÃO MUITAS ATIVIDADES E A GENTE NÃO PODE DEIXAR PERDER QUALIDADE EM NENHUMA DELAS PORQUE VOCE TEM MAIS DE UMA FUNÇÃO. ENTÃO É UM DESAFIO. EU ACHO PESSOALMENTE A</p>

			<p>ORGANIZAÇÃO É A PALAVRA-CHAVE PRA GENTE CONSEGUIR DAR CONTA DE TUDO.</p> <p>NÃO TEM COMO VOCE FAZER UMA REPARTIÇÃO, UMA SEPARAÇÃO MUITO CLARA ENTRE AS FUNÇÕES, TUDO ACONTECE MEIO QUE AO MESMO TEMPO. ENTÃO É VOCÊ COLOCAR A SUA CABEÇA NO LUGAR, FOCAR E TENTAR ENCAIXAR TUDO DE UMA FORMA QUE FIQUE BOM, E QUE EU CONSIGA DESENVOLVER TUDO DA MELHOR FORMA</p>
<p>COBRIR COM:</p> <p>00031 (9/11) 00011 (16/9) 00010 (16/9)</p>		OFF	<p>PESQUISADORES DO JORNALISMO/ LIDERANÇAS SINDICAIS E OS JORNALISTAS MAIS EXPERIENTES CONDENAM O ACÚMULO DE FUNÇÕES PARA OS PROFISSIONAIS DE IMPRENSA// PARA ELES/ O PROBLEMA SUPERA QUESTÕES TRABALHISTAS E ESBARRA NA PRÓPRIA QUALIDADE DA INFORMAÇÃO QUE CHEGA AO PÚBLICO //</p>
MQ/00001	<p>05'23" – 05'37" 05'54" – 06'04"</p>	SONORA	<p>ISSO É UMA PRECARIZAÇÃO. É UMA PRECARIZAÇÃO. AS PESSOAS ESTÃO TENDO MAIS DO QUE ELAS DEVERIAM FAZER, É UM ACÚMULO DE FUNÇÃO ABSURDA. NÓS REJEITAMOS E A GENTE COMBATE.</p>

			<p>AINDA SE A PESSOA TIVESSE AS CONDIÇÕES... EU TENHO QUATRO SALÁRIOS PRA TER QUATRO FUNÇÕES... ESSA NÃO É A REALIDADE. E ALGUÉM TÁ GANHANDO COM ISSO, E NÃO É O TRABALHADOR.</p>
<p>RF</p> <p>IMAS DE APOIO:</p> <p>00027 (7/11)</p>	<p>25'23" - 25'43" 25'51" - 26'16"</p> <p>.</p> <p>1'40" - 02'25"</p>	<p>SONORA</p>	<p>A CULPA NÃO É DA TECNOLOGIA. É DE COMO NÓS OU O NOSSO PATRÃO NOS FAZ USAR A TECNOLOGIA EM BENEFÍCIO DO AUMENTO DA LUCRATIVIDADE. ENTÃO QUAIS SERIAM AS CARACTERÍSTICAS DE UM TRABALHO PRECARIZADO?</p> <p>LONGAS JORNADAS DE TRABALHO, INTENSIDADE E RITMO DESSA JORNADA DE TRABALHO, BAIXOS SALÁRIOS, NÃO PAGAMENTO DAS HORAS EXTRAS TRABALHADAS, FALTA DE VÍNCULO EMPREGATÍCIO, DE SEGURO SAÚDE, E DE OUTROS DIREITOS GARANTIDOS PELA CONSTITUIÇÃO.</p>
<p>DF00001</p>	<p>01'45" - 01'59"</p>	<p>SONORA</p>	<p>DÁ PRA MANTER. UMA QUALIDADE, EU NÃO SEI SE É A MELHOR QUALIDADE. EU ACHO QUE SE EU TIVESSE UM TEMPO ESPECÍFICO, UM TEMPO MAIOR PARA DEDICAR PARA CADA FUNÇÃO ACHO QUE SIM, O MATERIAL PODERIA FICAR MELHOR.</p>

MQ00001	07'24" – 07'35"	SONORA	É IMPORTANTE QUE VOCÊ TENHA JORNALISMO DE QUALIDADE. E PRA TER JORNALISMO DE QUALIDADE VOCÊ PRECISA TER AS PESSOAS EMPREGADAS, TER CLT, CARTEIRA ASSINADA, PRA PODER TER CONDIÇÕES, NÃO PRECARIZAR O NOSSO TRABALHO"
RF COBRIR COM: 00027 (7/11)	48'38" – 48'51" . 02'25" - 02'42"	SONORA	NÃO HÁ ALGUÉM QUE POSSA PROVAR QUE EM CONDIÇÕES PÉSSIMAS DE TRABALHO, QUE EM BAIXAS CONDIÇÕES, QUE EM CONDIÇÕES PRECARIZADAS, SE FAÇA BOM JORNALISMO.
OFF	OFF	OFF	MAS QUAL O FUTURO DA PROFISSÃO DE JORNALISTA FRENTE A TODAS ESSAS MUDANÇAS?// TEREMOS O AVANÇO DA TERCEIRIZAÇÃO E DA PEJOTIZAÇÃO? HÁ ALGUMA LUZ NO FIM DO TUNEL?// É O QUE VEREMOS NO TERCEIRO E ÚLTIMO EPISÓDIO DESTA SÉRIE//

Episódio 3

Data:	Nº fita bruta:	Câmera:	Editores de texto: Beatriz Cezar, Luiz Oliveira e Renan Fiorentini	Retranca TCC SEQUELAS EP3			
Produtor(a) / Pauteiro (a): Beatriz Cezar, Luiz Oliveira e Renan Fiorentini Repórter: Luiz Oliveira							
Ano:	2023	Turma:	0104	Período:	Noturno	Professor(a):	Carlos Alberto Zanotti

Considerar as iniciais para a identificação da fonte em cada take:

AB: ADRIANO BARACHO
 DF: DEISY FEITOSA
 DL: DANIELA LEMOS
 MQ: MÁRCIA QUINTANILHA
 MV: MARCELA VARANI
 RF: ROSELI FIGARO
 WS: WAGNER SOUZA (BARBA AZUL)

Take	Seleção	Descrição	Off, Passagem, Sonora
MOSAICO COM OS 4 PERSONAGENS (BARACHO, DANIELA, MARCELA e BARBA AZUL) FALANDO		OFF	NESTE ÚLTIMO EPISÓDIO DE NOSSA SÉRIE DE REPORTAGENS VAMOS TENTAR ENTENDER DE QUE MANEIRA OS PROFISSIONAIS DO TELEJORNALISMO ESTÃO BUSCANDO SE ADAPTAR AOS NOVOS TEMPOS //
BRAZ2110_01 08/11 - CHICÃO	0'40" - 0'46"	PASSAGEM	FRENTE A TANTAS MUDANÇAS/ O FUTURO PARECE CADA DIA MAIS RECHEADO DE INCERTEZAS //
VINHETA			VINHETA
OFF COBRIR COM AS MANCHETES DE JORNAIS		OFF	NOS ÚLTIMOS ANOS PROFISSIONAIS QUE ESPERAVAM TRILHAR TODA UMA VIDA EM EMPREGOS CONVENCIONAIS SE VIRAM FORA DO MERCADO DE

			<p>TRABALHO// FORAM OBRIGADOS A ENCONTRAR OUTROS MEIOS PARA SE MANTER PRODUTIVOS // NOTÍCIAS SOBRE DEMISSÕES DE JORNALISTAS CONSAGRADOS E REDUÇÃO DE QUADROS NA TELEVISÃO SE TORNARAM FREQUENTES//</p>
DL/BRAZ1907_03	05'01" – 05'18" 04'46" – 05'01"	SONORA	<p>QUANDO EU SAÍ, EU E MAIS OUTROS GERENTES SAÍRAM JUNTOS NUMA EXTINÇÃO DESSE CARGO MESMO. TINHAM OUTRAS PESSOAS QUE CONSEGUIAM DAR CONTA DO RECADO ALI E OPTARAM POR ENCERRAR, FECHAR ALGUNS CARGOS DE GERÊNCIA NA ÉPOCA</p> <p>A EMPRESA JÁ VINHA REDUZINDO PESSOAL, A PANDEMIA ACELEROU ESSE PROCESSO, PORQUE TODO MUNDO TEVE AS SUAS DIFICULDADES DURANTE A PANDEMIA, E A EPTV FEZ UMA REMODELAÇÃO DOS CARGOS DE GESTÃO</p>
MV/BRAZ1970_01	03'34" – 03'50"	SONORA	<p>EU FUI DESLIGADA DA EMISSORA EM MARÇO, EU ACHO QUE EU NÃO ESPERAVA QUE FOSSE NESSE MÊS ESPECIALMENTE, MAS EU ESPERAVA QUE ALGO ACONTECESSE NESSE ANO. MAS FOI, ACHO, QUE</p>

			UM EMPURRÃOZINHO PRA QUE EU CRIASSE CORAGEM PRA ME DEDICAR AOS MEUS PRÓPRIOS PROJETOS, ASSIM
00030 (9/11) BRAZ2086_01 (8/11) BRAZ2079_01 (8/11)	0'00" - 0'12" 0'02" - 0'09" 0'02" - 0'22"	OFF	COM O AFASTAMENTO DE JORNALISTAS EXPERIENTES/ PROFISSIONAIS CADA VEZ MAIS JOVENS/ POR VEZES ATÉ SEM FORMAÇÃO ESPECÍFICA NA ÁREA ESTÃO OCUPANDO HOJE CADEIRAS NAS REDAÇÕES//
DL/ BRAZ1907_03	22'26" - 22'40"	SONORA	ACHO JOVENS ESPETACULARES E SUPER NECESSÁRIOS PRA OXIGENAR, PARA MUDAR PROCESSOS, TRAZER COISAS NOVAS, PARA TRAZER GÁS NOVO PARA AS REDAÇÕES. MAS ELES PRECISAM ESTAR AMPARADOS POR PESSOAS COM EXPERIÊNCIA.

MV/BRAZ1970_01	10'10" - 10'29"	SONORA	EU TESTEMUNHEI UM POUCO ESSA MUDANÇA, ESTANDO PRESENTE NA REDAÇÃO, DA SUBSTITUIÇÃO DE PROFISSIONAIS MAIS VELHOS, MAIS EXPERIENTES, POR OUTROS. EU ACHO QUE PRA EMPRESA, ENQUANTO EMPRESA, ISSO TEM UMA VANTAGEM PRINCIPALMENTE ECONÔMICA.
BRAZ2075_01 (8/11) BRAZ2087_01 (8/11) BRAZ2083_01 (8/11)	0'05" - 0'08" 0'10" - 0'14" 0'01" - 0'10"	OFF	COMO DIZEM OS MAIS EXPERIENTES/ O JOVEM QUER INGRESSAR LOGO NO MERCADO DE TRABALHO E AGARRA QUALQUER OPORTUNIDADE// MUITOS SE SUJEITAM AOS BAIXOS SALÁRIOS E ÀS MÁS CONDIÇÕES DE TRABALHO PARA GARANTIR UMA CARREIRA QUE IMAGINAM SER MUITO PROMISSORA// //
RF IMAS DE APOIO: 00027 (7/9)	39'25" - 40'02" . 2'00" - 2'50"	SONORA	É UMA SITUAÇÃO DESFAVORÁVEL PARA O JOVEM TRABALHADOR. UMA SITUAÇÃO BASTANTE DESFAVORÁVEL PARA O TRABALHADOR SÊNIOR, QUE JÁ TEM UMA TRAJETÓRIA, QUE JÁ TEM UM LONGO PERÍODO NA PROFISSÃO... UM, PORQUE É NOVO, ENTÃO VAI DIZER "AH, VOCÊ É

			NOVO, NÃO TEM EXPERIÊNCIA, VOCÊ TEM QUE TRABALHAR POR MENOS” E O OUTRO QUE TÁ MAIS VELHO “AH, PORQUE VOCÊ É MAIS VELHO, TÁ MUITO CARO, NÃO VOU MAIS USAR VOCÊ”.
MQ00000	11’25” – 11’57”	SONORA	A GENTE PODIA FALAR QUE ISSO É UM ETARISMO, MAS NÃO É SÓ ISSO. OS JORNALISTAS DE MAIS TEMPO, PRINCIPALMENTE NAS GRANDES TELEVISÕES, NOS GRANDES CANAIS, ELES TINHAM UM SALÁRIO MUITO ALTO. E COM ESSA REFORMULAÇÃO, DA QUEDA DE PUBLICIDADE, DE UM NOVO MODELO DE TRABALHO DO JORNALISMO, AS EMPRESAS ESTÃO DIMINUINDO OS LUGARES QUE ONDE TINHA ESSES ALTOS SALÁRIOS E CONTRATANDO GENTE COM SALÁRIOS MENORES, E EXIGINDO MAIS. ENTÃO ISSO TAMBÉM É UM GRANDE PROBLEMA DO PONTO DE VISTA DO NOSSO MERCADO DE TRABALHO.
00010 07/11 - ALEX	0’23” - 0’53”	PASSAGEM	QUANDO A SITUAÇÃO EXIGE REDUÇÃO DE CUSTOS/ OUTROS VÍNCULOS PROFISSIONAIS SÃO INVENTADOS/ MUITOS À MARGEM DA PRÓPRIA LEGISLAÇÃO// É O CASO

			DOS FUNCIONÁRIOS PEJOTA/ A ABREVIACÃO DE PESSOA JURÍDICA/ QUE SE TORNARAM MUITO COMUNS// NESSA MODALIDADE / OS PROFISSIONAS NÃO TÊM VÍNCULO EMPREGATÍCIO COM A EMPRESA/ QUE ACABA POR REPASSAR ENCARGOS TRABALHISTAS AOS SEUS FUNCIONÁRIOS// ELES NÃO TÊM FÉRIAS REMUNERADAS/ DÉCIMO TERCEIRO SALÁRIO / OU FUNDO DE GARANTIA.
00014 (30/9) 00012 (30/9) 00016 (30/9)	0'02" - 0'09" 0'01" - 0'09" 0'02" - 0'07"	OFF	ESSES CONTRATOS ACABAM POR GARANTIR COBERTURAS NOTICIOSAS / NOS MOMENTOS EM QUE NÃO HÁ EQUIPE DISPONÍVEL NAS REDAÇÕES// O PROBLEMA SE DEVE ÀS DEMISSÕES REALIZADAS AO LONGO DOS ÚLTIMOS ANOS //
WS/00001 COBRIR COM: 00004 (30/9) 00006 (30/9)	03'33" - 03'49" 0'02" - 0'05" 0'04" - 0'09"	SONORA	É PORQUE ASSIM ELES TEM UMA EQUIPE QUE TEM UM HORÁRIO PARA CUMPRIR JÁ A GENTE NÃO TEM HORÁRIO PARA CUMPRIR CAI UMA OCORRÊNCIA 2 HORAS DA MANHÃ NÓS VAMOS 2 HORAS DA MANHÃ JÁ AS EMISSORAS NÃO TEM A EQUIPE QUE A GENTE CHAMA A EQUIPE DE MADRUGADA QUE ELES NÃO TEM E ESSE É O DIFERENCIAL NOSSO

WS/0001	06'24" - 06'41" 0K 17S	SONORA	ENTÃO AI A GENTE NÃO TEM ROTINA NA REALIDADE ACONTECEU A GENTE TA DE PÉ PARA PODER IR NÉ
COMEÇAR COBRINDO COM BARBA AZUL E TERMINAR COM DANI LEMOS		OFF	ASSIM COMO O BARBA AZUL/ QUE ADERIU AO CONTRATO DE PESSOA JURÍDICA/ JORNALISTAS COM CARREIRA CONSOLIDADA NA TV TAMBEM PRECISARAM SEGUIR COM ESSA NOVA FORMA DE TRABALHO//
DF/BRAZ1893_01	5'25" - 5'38"	SONORA	ENTÃO ISSO FOI UMA DOIDEIRA NÉ PORQUE VOCÊ IMAGINA VOCÊ 24 ANOS FAZENDO A MESMA COISA E A GENTE TEM UMA TENDÊNCIA DE ACREDITAR QUE QUANDO ESTAMOS A MUITO TEMPO EM UM LUGAR QUE A GENTE SÓ SABE FAZER AQUILO
DF/BRAZ1893_01 COBRIR COM: TERRA DA GENTE	6'42" - 6'53" 1'58" - 2'09"	SONORA	E COINCIDENTEMENTE FOI UMA COINCIDÊNCIA MUITO INFELIZ, NESTE MESMO PERÍODO... QUE A GENTE TINHA FEITO UM ACORDO QUANDO SAI DA GERÊNCIA QUE EU CONTINUARIA APRESENTANDO O TERRA DA GENTE
DF/BRAZ1893_01	9'50" - 10'19"	SONORA	ENTÃO FOI LEGAL EU DESCOBRIR QUE EU PODERIA ME REINVENTAR ME REDESCOBRIR MAS ROLA AO MESMO TEMPO A INSTABILIDADE DE

			<p>VOCE NÃO TER UM GANHO FIXO ENTÃO TEM MOMENTOS QUE SÃO MUITO LEGAIS E OUTROS MOMENTOS DE DESESPERO</p>
<p>BRAZ2096_01 08/11 - CHICÃO</p>	<p>0'05'' - 0'29''</p>	<p>PASSAGEM</p>	<p>COM AS MUDANÇAS IMPOSTAS PELO TEMPO/ PELA TECNOLOGIA/ E PELA CRISE FINANCEIRA DAS EMPRESAS JORNALÍSTICAS/ O PROFISSIONAL DE IMPRENSA SE VIU OBRIGADO A ENCONTRAR NOVOS MEIOS PARA CONTINUAR NO MERCADO// ALGUNS PERCEBERAM/ DESDE CEDO/ QUE PRECISAVAM TRILHAR CAMINHOS PRÓPRIOS// NESTE SENTIDO/ AS REDES SOCIAIS DIGITAIS ABRIRAM ALGUMAS POSSIBILIDADES PARA OS MAIS EMPREENDEDORES//</p>
<p>COBRIR COM VÍDEOS BARACHO TIKTOK</p>		<p>OFF</p>	<p>O ADRIANO É VIDEORREPORTER// NO DIA A DIA DA PROFISSÃO ENCONTROU UMA FORMA PARA RESSIGNIFICAR O SEU TRABALHO DE MANEIRA LUCRATIVA//</p> <p>ELE ADMINISTRA UM PERFIL NA REDE TIK TOK / ONDE ALCANÇA MAIS DE 67 MIL SEGUIDORES// SEU FOCO DE PRODUÇÃO É CONTAR AO PÚBLICO A ROTINA DE UM VIDERREPÓRTER//</p>

<p>AB</p> <p>COBRIR COM VÍDEOS BARACHO TIKTOK</p> <p>IMAS DE APOIO:</p> <p>00027 ou 00028, 00029, 00030</p>	<p>26'31" - 26'59"</p> <p>.</p> <p>5'35" - 6'34"</p> <p>-</p>	<p>SONORA</p>	<p>“BOM O TIKTOK EU COMECEI COMO A MAIORIA DAS PESSOAS COMO DIVERSÃO MESMO PARA MEXER EM REDES SOCIAIS E EU COMECEI A VER OS VÍDEOS ACHEI LEGAL E COMECEI A PRODUZIR ALGUMAS COISAS DOS BASTIDORES DO TRABALHO... SEMPRE GOSTEI DE GRAVAR COISAS ASSIM, DESDE QUE TRABALHAVA COM CINEGRAFISTA SEMPRE POSTAVA ALGO DE COMO ERA OS BASTIDORES E OS PERRENGUES QUE A GENTE PASSA NO DIA A DIA, EU SEMPRE COMPARTILHAVA NAS REDES SOCIAIS”</p>
<p>COBRIR COM:</p> <p>NU OLHAR DANI LEMOS</p>	<p>0'02" - 0'20"</p>	<p>OFF</p>	<p>PARA OUTROS PROFISSIONAIS DE IMPRENSA QUE SE VIRAM FORA DO MERCADO FORMAL/ A ALTERNATIVA FOI CRIAR A PRÓPRIA EMPRESA// COM A EXPERIÊNCIA ADQUIRIDA NO MERCADO/ CONSEGUEM SE MANTER PRODUTIVOS NA ÁREA DA COMUNICAÇÃO //</p>
<p>MV/BRAZ1970_01</p>	<p>13'10" - 13'37"</p>	<p>SONORA</p>	<p>E TIVE O PRIVILÉGIO TAMBÉM DE TER A POSSIBILIDADE IR ESTRUTURANDO A MINHA EMPRESA ANTES DE SAIR. ENTÃO HOJE EU FALO DE UM LUGAR DE UM POUCO MAIS DE TRANQUILIDADE. CLARO, QUEM SAI, SE DEPARA COM UM MUNDO</p>

			TOTALMENTE NOVO, UM MERCADO... MAS EU ACHO QUE A GENTE, ESTANDO ONDE ESTIVER, PRECISA PENSAR NESSA POSSIBILIDADE, NESSA INCERTEZA, NESSA INSEGURANÇA QUE É. QUALQUER RELAÇÃO É, INCLUSIVE AS PROFISSIONAIS.
		PASSAGEM	NESSE UNIVERSO DE INCERTEZAS/ PARECE NÃO HAVER UM CAMINHO COLETIVO/ COMO EXISTIU EM ANOS ANTERIORES// O MODELO TRADICIONAL DE FINANCIAMENTO DO JORNALISMO E/ POR DECORRÊNCIA/ O MEIO QUE CUSTEAVA A PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS/ ESTÁ PERTO DA EXAUSTÃO// EM RELAÇÃO À TELEVISÃO/ QUAL O FUTURO DO MEIO?// QUAL O FUTURO DO TELEJORNALISMO?//
DL/ BRAZ1907_03	27'14" - 27'36"	SONORA	ENXERGANDO A TV ABERTA HOJE EU ACHO QUE A TENDÊNCIA DELA É DA PRESTAÇÃO DE SERVIÇO, É DO INFORME DE TRÂNSITO DE TEMPO DE MERCADO DE TRABALHO. TENHO A IMPRESSÃO DE QUE CADA VEZ MAIS AS DISCUSSÕES MAIS APROFUNDADAS AS PESSOAS VÃO PARA OS STREAMINGS SEJAM ELES EM VÍDEO SEJAM ELES EM ÁUDIO

<p>AB</p> <p>COBRIR COM VÍDEOS BARACHO TIKTOK</p> <p>IMAS DE APOIO:</p> <p>00027 ou 00028, 00029, 00030</p>	<p>32'01" - 32'33"</p>	<p>SONORA</p>	<p>SEM DÚVIDAS O PROFISSIONAL DE HOJE EM DIA TEM QUE ESTAR ATENDO A ISSO TEM QUE ESTAR DE OLHO E ESTAR BUSCANDO SE CONHECER MAIS DO QUE AS REDAÇÕES ESTÃO FAZENDO A FORMA QUE ESTÃO FAZENDO ASSISTINDO TELEJORNAIS ENFIM ENTENDER COMO ESSA COMUNICAÇÃO ESTÁ SE DESENVOLVENDO E COMO A GENTE TÁ PRECISANDO SER MAIS AINDA MULTIFUNÇÕES PARA PODER DESEMPENHAR O NOSSO PAPEL NÃO É SÓ MAIS CHEGAR ALI GRAVAR UMA SONORA E FAZER ENTRADA AO VIVO"</p>
<p>MV/BRAZ1970_01</p>	<p>17'54" - 18'10"</p>	<p>SONORA</p>	<p>A MUDANÇA EU ACHO QUE A GENTE NÃO TEM COMO EVITAR. VAI TER QUE ACOMPANHAR A TECNOLOGIA, A MUDANÇA TODA SOCIAL E DE COMPORTAMENTO, PORQUE SENÃO TAMBÉM A GENTE FICA PRA TRÁS. MAS TEM QUE TER UMA SÉRIE DE CUIDADOS AÍ.</p>
<p>DF/BRAZ1893_01</p>	<p>7'51 - 8'11" OK</p>	<p>SONORA</p>	<p>"EU SINTO QUE O TELEJORNALISMO DO FUTURO VAI SER UM TELEJORNALISMO MUITO MAIS PRÓXIMO DA JUVENTUDE UM TELEJORNALISMO MAIS DINÂMICO MAIS DIVERSO MAIS HUMANIZADO UM TELEJORNALISMO MAIS</p>

			DESCOLADO UM TELEJORNALISMO MAIS PRÓXIMO DA POPULAÇÃO COM UMA LINGUAGEM MAIS PRÓXIMA
WS/0002	02'44" - 02'52" OK	SONORA	HOJE O CARA QUE NÃO SE REINVENTAR INFELIZMENTE VAI FICAR PARA TRÁS
<p>“A principal finalidade do jornalismo é fornecer aos cidadãos as informações de que necessitam para serem livres e se autogovernar.”</p> <p>Bill Kovach e Tom Rosenstiel</p>		OFF E GCs COM A FRASE GRIFADA	<p>PARA ENCERRAR ESSA SÉRIE DE REPORTAGENS/ VALE LEMBRAR QUE O FUTURO DO JORNALISMO E DO TELEJORNALISMO NÃO É UM TEMA QUE DEVE PREOCUPAR APENAS OS PROFISSIONAIS DE IMPRENSA// A SOCIEDADE// COMO UM TODO/ PRECISA SE ENGAJAR NESTE DEBATE// AFINAL/ COMO JÁ PONTUARAM DOIS ESTUDIOSOS DA ÁREA/ “<u>A PRINCIPAL FINALIDADE DO JORNALISMO É FORNECER AOS CIDADÃOS AS INFORMAÇÕES DE QUE NECESSITAM PARA SEREM LIVRES E SE AUTOGOVERNAR</u>”</p>

Cartas de cessão de imagem

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Adriano Oliveira Baracho.....

(nome)

Brasileiro, Solteiro....., RG.....

(Nacionalidade)

(Estado Civil)

residente e domiciliado à Rua [REDACTED].....

(rua ou avenida e número)

[REDACTED] Botucatu São Paulo ([REDACTED])

(Bairro)

(Cidade)

(Estado)

(CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a **ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, de Novembro..... de 2023

Adriano O. Baracho

(assinatura)

ANEXO VI
AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Carolina Cerqueira Salvador Marques,
(nome)
Brasileira, Casada, RG [REDACTED]
(Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado à [REDACTED],
(rua ou avenida e número)

[REDACTED], Campinas/SP, [REDACTED]
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 16 de setembro de 2023

[Handwritten Signature]
(assinatura)

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Daniela Ribeiro Lemos Fontinele,

(nome)

brasileira, casada, RG [REDACTED]

(Nacionalidade)

(Estado Civil)

residente e domiciliado à [REDACTED]

(rua ou avenida e número)

[REDACTED] Valinhos, SP, [REDACTED]

(Bairro)

(Cidade)

(Estado)

(CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a **ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 6 de outubro de 2023

[Assinatura]

(assinatura)

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Danielly Fernandes dos Santos,
(nome)

Brasileira, Solteira, RG [REDACTED]
(Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado à [REDACTED]
(rua ou avenida e número)

[REDACTED], Campinas, São Paulo, [REDACTED]
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a **ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 16 de novembro de 2023

Danielly Fernandes dos Santos
(assinatura)

ANEXO VI
AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, DEISY FERNANDA FEIJOSA ROMAN,
(nome)
BRASILEIRA, CASADA, RG [REDACTED]
(Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado à [REDACTED]
(rua ou avenida e número)

[REDACTED], SÃO PAULO, SP, [REDACTED]
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 7 de outubro de 2023

Deisy Fernanda Feijosa Roman
(assinatura)

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Guilherme Belegato,
(nome)
Brasileiro, solteiro, RG [REDACTED]
(Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado à [REDACTED]
(rua ou avenida e número)

[REDACTED], Campinas, SP, [REDACTED]
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a **ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 23 de setembro de 2023

[Handwritten Signature]
(assinatura)

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, HÉRISDER JACINTO MATIAS,

(nome)

BRASILEIRO SOLTEIRO RG [REDACTED]

(Nacionalidade)

(Estado Civil)

residente e domiciliado à [REDACTED]

(rua ou avenida e número)

[REDACTED] GOVERNADOR VALADARES, MG

(Bairro)

(Cidade)

(Estado)

(CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 15 de NOVEMBRO de 2023

[Handwritten Signature]

(assinatura)

ANEXO VI
AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, ISABELA D'AZEVEDO LEITE,
(nome)
BRASILEIRA CASADA, RG [REDACTED]
(Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado à [REDACTED]
(rua ou avenida e número)

[REDACTED] SP SP [REDACTED]
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

Autorizo, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a **ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 13 de NOVEMBRO de 2023

Isabela D'Azvedo Leite
(assinatura)

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

EU, KARLA BRAGA ALBUQUERQUE,

(nome)

Brasileira, Desposada, RG [REDACTED]

(Nacionalidade)

(Estado Civil)

residente e domiciliado à [REDACTED]

(rua ou avenida e número)

[REDACTED], Rio de Janeiro, RS, [REDACTED]

(Bairro)

(Cidade)

(Estado)

(CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a **ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 13 de novembro de 2023

Karla B. Albuquerque

(assinatura)

ANEXO VI
AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

EU, MARCIA REGINA QUINTANILHA,
(nome)
BRASILEIRA, SOLTEIRA, RG [REDACTED]
(Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado à [REDACTED]
(rua ou avenida e número)

[REDACTED], CAMPINAS / SP, [REDACTED]
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a **ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 22 de setembro de 2023

[Handwritten Signature]
(assinatura)

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, MARCOS LUIZ CRIPA, RG [REDACTED]

residente e domiciliado à [REDACTED], São Paulo (SP)
[REDACTED],

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o **CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 24 de Novembro de 2023



.....
(assinatura)

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Marcela Tanari.....
(nome)

brasileira solteira, RG [REDACTED]
(Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado à [REDACTED].....
(rua ou avenida e número)

[REDACTED] Campinas - SP [REDACTED]
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a **ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 21 de novembro..... de 2023

Marcela Tanari
(assinatura)

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu,...Roseli Figaro , RG: [REDACTED], brasileira, casada, residente e domiciliado à [REDACTED], São Paulo, Capital, CEP [REDACTED], **AUTORIZO**, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o **CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens

serão utilizadas exclusivamente para veiculação como parte de Trabalho de Conclusão de Curso, não podendo, sob pretexto algum, serem utilizadas para outra finalidade e comercializadas.

Campinas,14..... denovembro..... de 2023...



(assinatura)

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, SILVANA AN BRANZOTTI.....

(nome)

BRAS....., SOLTEIRA, RG. [REDACTED].....

(Nacionalidade)

(Estado Civil)

residente e domiciliado à [REDACTED].....

(rua ou avenida e número)

[REDACTED], CAMPINAS, SP.....

(Bairro)

(Cidade)

(Estado)

(CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a **ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 11 de OUTUBRO de 2023

.....
(assinatura)

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Sergio Utch.....,

Brasileiro....., ^(nome) solteiro....., RG [REDACTED]
(Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado à [REDACTED]
(rua ou avenida e número)

Hammersmith Londres [REDACTED]
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o **CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 25 de novembro de 2023

[Handwritten Signature]

(assinatura)

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, *Wagner M. de Souza*
(nome)
....., RG
(Nacionalidade) (Estado Civil)
residente e domiciliado à
(rua ou avenida e número)
..... *Carolinhas* *38*
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a **ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, *20* de *Setembro* de 20*23*

Wagner M. de Souza
(assinatura)

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
FACULDADE DE JORNALISMO**

BEATRIZ CEZAR FERNANDES

PROJETO INDIVIDUAL DE PESQUISA

**CONCEITOS E LINGUAGENS DA REPORTAGEM
TELEVISIVA**

**CAMPINAS
2023**

Beatriz Cezar Fernandes

PROJETO INDIVIDUAL DE PESQUISA

**CONCEITOS E LINGUAGENS DA REPORTAGEM
TELEVISIVA**

**Relatório Individual de Pesquisa
apresentado à disciplina METODOLOGIA E
PESQUISA APLICADA EM JORNALISMO
(TCC) da Faculdade de Jornalismo, da
PUC- Campinas, como exigência final para
aprovação na referida disciplina, sob
orientação do Prof. Dr. Carlos Alberto
Zanotti.**

**CAMPINAS
2023**

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo resgatar o desenvolvimento do gênero jornalístico caracterizado como reportagem, da sua origem até os dias de hoje. Durante o estudo, serão abordadas quais foram as modificações mais pertinentes deste gênero informativo, em especial ao longo dos 70 anos do advento da televisão no país, além de recuperar conceitos de linguagem audiovisual e de como o telejornalismo se adaptou ao período de coberturas dificultadas pela pandemia da Covid-19¹.

Composta por investigações contantes em busca de respostas sobre acontecimentos diversos, dos mais simples aos mais complexos, a reportagem, ao longo dos anos, teve como papel principal abordar tais ocorrências de interesse público de forma simples e empolgante (Guirado, 2004). Segundo o autor, a reportagem é considerada como um processo artístico de criação, com o objetivo de construir um texto, tanto escrito quanto audiovisual, capaz de reproduzir a realidade através de histórias inesperadas que “traduzem e manuseiam palavras que reproduzam a realidade. Arte de perceber. Arte de investigar. Arte de narrar” (Guirado, 2004, p. 23).

Para que o jornalista consiga contar uma narrativa, a reportagem passou por modificações em sua história. Com surgimento na França, em meados do século XIX, os folhetins eram o único meio de divulgação de informações no mundo inteiro. Regado por matérias frias, os folhetins focavam um modelo de jornalismo não sensacionalista e literário, com romances e crônicas, até que passaram por uma reformulação no “modo de fazer o jornalismo”, com a transformação da linguagem dos textos e inclusão de pautas que seriam abordadas em cada página (Lage, 2004).

Durante esse processo de mudança, observou-se, em tempos mais recentes, que a presença de um título e linha-fina seriam essenciais para anunciar um texto e trazer em primeira mão o que seria informado. “O jornalismo que publicasse primeiro o relato de um fato de interesse público seria lido em lugar dos concorrentes e ganharia pontos na preferência dos leitores em geral para as próximas edições” (Lage,

¹ Apesar de usualmente a palavra ser escrita como “Covid-19”, a grafia adotada neste trabalho para o nome da doença foi “covid-19”, com todas as letras minúsculas e traço. Esta é a grafia preconizada pelo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Volp).

2004, p. 6). Como é possível notar, foi no século XIX que o jornalismo iniciou o seu processo de grande mudança. Ainda neste mesmo período, a imprensa aderiu ao uso de máquinas rotativas, que tinham enorme capacidade de impressão, favorecendo na consolidação do capitalismo e, por fim, no surgimento da imprensa moderna (Gonçalves; Santos; Renó, 2015, p. 225). Com passar das décadas e de acontecimentos que marcaram a história, a imprensa notou que uma reportagem era capaz de explicar todos os fatos e narrar histórias capazes de prender o leitor por mais tempo e criar uma concorrência com as demais mídias. Desta forma, segundo Gonçalves, Santos e Renó (2015) *apud* Lage (2008), esta luta por espaço no meio da imprensa foi essencial para o aprofundamento cada vez mais detalhado dos fatos e também para o surgimento do furo de reportagem e das principais estratégias utilizadas atualmente para divulgar uma informação.

Atualmente, após mais de 500 anos do surgimento da imprensa, e mais de 70 anos de constantes mudanças no telejornalismo, a televisão tornou-se um dos modelos mais estudados por pesquisadores (Emerim, 2010). Por muitos anos foi considerada uma mídia pequena, que sofria preconceitos ocasionados pelas restrições por aquilo que não conseguia fazer. Dessa forma, segundo Emerim (2010), há apenas pouco mais de 30 anos, a mídia televisiva desempenha um papel necessário nas relações de interação com o meio social. Como aponta Emerim (2010, p. 2), a televisão e o telespectador são “potencializados pelos avanços tecnológicos e, oportunizado pela digitalização dos processos de captação/transmissão/recepção dos dados informacionais”.

Aos objetivos aqui propostos, lançamos mão da pesquisa bibliográfica, buscando apurar quais são os elementos que compõem o conceito de reportagem, abordando como é a linguagem utilizada no telejornalismo e porque é utilizada desta forma, além de destacar como foi a passagem do telejornalismo pelo período da Covid-19.

Em relação ao método de trabalho aqui adotado, lembramos que, durante séculos de estudo e avanço do conhecimento, as descobertas humanas passaram a ser registradas em livros, que podem ser encontrados no mundo inteiro. Este crescimento deu origem a um estoque de obras dispostas em bibliotecas, que passaram a selecionar aquelas que seriam mais pertinentes. Este processo, segundo

Stumpf (2006), é semelhante à pesquisa acadêmica, já que o pesquisador deverá selecionar os artigos que serão estudados e, ao mesmo tempo, observará quais problemas já foram solucionados e quais ainda precisam ser estudados.

Para estabelecer bases em que vão avançar, alunos precisam conhecer o que já existe, revisando a literatura existente sobre o assunto. Com isto, evitam despender esforços em problemas cuja solução já tenha sido encontrada (Stumpf, 2006, p. 52)

De acordo com Gil (1987), a construção de um projeto de pesquisa precisa indicar de forma detalhada e minuciosa os procedimentos que foram adotados. Dessa forma, o primeiro passo de uma pesquisa deve informar sobre o tema a ser trabalhado, além das técnicas que serão abordadas durante a coleta dos dados e informações.

Em seguida, segundo Gil (1987), o pesquisador necessita informar de onde retirou as informações e quais autores foram utilizados para a pesquisa, inclusive qual foi o passo a passo para obter tais informações. Para a realização desta pesquisa, foi realizada uma busca na plataforma Google Acadêmico, entre 14 de maio e 27 de setembro de 2023, buscando artigos científicos que discutissem os conceitos de reportagem e linguagem audiovisual, além das mudanças ocorridas nas reportagens televisivas ao longo do tempo. Para isso, foram utilizadas as seguintes palavras-chave: “reportagem na televisão”, “origem da reportagem”, “linguagem na reportagem de televisão”, “reportagem na pandemia da covid-19”, “telejornalismo e pandemia”. Vale ressaltar que, além de artigos acadêmicos, também foram buscados livros que abordassem os conceitos de reportagem e de linguagem audiovisual.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 LINGUAGEM AUDIOVISUAL

O homem moderno se vê cercado de sons, imagens e gestos que compõem a linguagem no seu dia a dia. Essas características também se fazem presentes na linguagem da televisão. Composta por uma linguagem, em sua maioria, verbal, a televisão é compreendida como um dos meios mais importantes na formação da opinião pública. Segundo Roldão (2001), é necessário compreender as transformações da linguagem, não apenas como elementos isolados da sociedade, mas como um reflexo da situação social, ou seja, ela se adapta aos acontecimentos

do mundo com o objetivo de facilitar a transmissão da mensagem e chamar a atenção dos telespectadores.

Para que essa linguagem seja assertiva, o jornalista deve ficar atento ao casamento entre a imagem e a palavra, com o intuito de levar a mensagem completa para o telespectador. De acordo ainda com Ribeiro (1988) *apud* Roldão (2001), não é errado divulgar uma informação sem uma imagem, poré, a fala atrelada a fotografias e vídeo é um diferencial.

A fala deve dar apoio à imagem sem competições entre elas. Não deve ser redundante, pois não se diz oque está sendo visto. Muitas vezes o texto em tevê pode diminuir ou aumentar o impacto produzido pelas imagens. Também pode valorizar uma cena (Ribeiro, 1988 *apud* Roldão, 2001, p.9)

Dessa forma, segundo Gabrioti (2013), apesar de todos os aparatos tecnológicos criados para acompanhar o avanço das mídias e da televisão, a concepção, execução e finalização de uma reportagem necessitam abranger todos os públicos de diferentes classes sociais, assim como oferecer uma linguagem acessível e de fácil entendimento.

Sobre proximidade, os telejornais perceberam a necessidade de serem mais dialógicos com o público. Busca-se uma interatividade maior tanto que os apresentadores intervêm mais e toda participação ao vivo tem formato mais descontraído. (Gabrioti, 2013, p.9)

O autor comenta ainda que esta proximidade faz com que o telespectador seja o único recebendo a informação, ou seja, ele é exclusivo. Assim, com esta comunicação “cara a cara”, o profissional em frente às câmeras deixa de ser um personagem e passa a ser uma pessoa comum, com obrigações e problemas parecidos com os do telespectador.

Esta forma de linguagem também inclui em sua bagagem a perspectiva da mutação, ou seja, uma comunicação que tende a abranger diferentes modelos de interação. Mesmo sendo um processo positivo para as emissoras, aumentando o número de telespectadores a cada programa, essa mutação dificulta o fornecimento de uma linguagem “exclusiva” para cada telespectador, que tende a ser atraído devido às questões éticas e a confiança que ele tem com o canal que reproduz mensagens confiáveis.

Essa perspectiva de uma linguagem em mutação também gera uma preocupação: o paradigma de encontrar o limite tênue entre a

inovação, liberdade e descontração e compromisso com a informação, ética e respeito ao telespectador (Gabriotti, 2013, p.10).

Assim, os profissionais da comunicação entendem que essa mutação da linguagem faz parte dos avanços da tecnologia sobre a televisão e as possibilidades de veiculação em outros meios, como a internet. Dessa forma, a linguagem se adapta e “o jornalismo tende a encontrar uma forma revisada para contar os fatos, embora não melhore a qualidade das narrativas” (Gabriotti, 2013, p. 5). Segundo Becker, esta “mutação da linguagem” é uma das principais características da contemporaneidade que, mesmo passando por uma significativa mudança na pandemia, trouxe em sua bagagem as transformações ocasionadas pelo avanço da tecnologia e da era digital.

2.2 CONCEITO DE REPORTAGEM NA TV

Segundo Emerim (2010) o ato de entender a comunicação nos tempos atuais, marcados pela era digital, está entrelaçado com as mídias, ou seja, para compreender as ações do ser humano é preciso primeiro assimilar como funcionam as mídias. Uma delas, considerada a pioneira no ramo da tecnologia, é a televisão, que surgiu em 1950, e que potencializou as relações de interações dos telespectadores com o meio social em que estão inseridos. Para que estas relações ocorressem, foi preciso entregar para o telespectador uma imagem ou informação a partir de transmissões televisivas, sendo elas em tempo real ou gravadas.

Imagens mostradas com velocidade de transmissão e qualidade de apresentação. Imagens que se configuram com a realidade, que permitem visualizar, simultaneamente o que está acontecendo desde aqui ao lado como no outro lado do mundo. Uma visualidade que apaga as distâncias e as mediações: no final são nossos olhos que vêem (Emerim, 2010, p.3)

Partindo da ideia de que a imagem é capaz de demonstrar a realidade, independentemente do local e hora, o fato de a televisão narrar uma história a partir de fotos e vídeos está entrelaçado ao conceito de reportagem, definida por Barbeiro e Lima (2002, p. 95) como “o texto de telejornal que tem uma estrutura de movimento, instantaneidade, testemunhalidade, indivisibilidade de imagem e som, sinterização e objetividade”. Logo, para que estas propriedades sejam atingidas, Emerín (2010) comenta que a produção de uma reportagem depende de uma série de etapas: pauta,

apuração, que sejam abordadas durante a gravação e edição, apresentação/exibição e, por fim, a chamada da matéria.

Durante este processo de produção, deve-se levar em conta que o telejornalismo possui padrões mais rebuscados, em comparação às redações de jornais impressos e revistas. Nestes locais, uma reportagem tem como principal objetivo retratar a realidade da forma mais fiel possível e influenciar diretamente a vida das pessoas. Logo, um padrão estético bem visto pela população pode mudar completamente o que está sendo retratado.

Por isso, no telejornalismo, a roupa, a gestualidade, o tom de voz e as expressões faciais são parte da reportagem, contam narrativas tanto quanto notícias. E tudo isso reflete no final do texto da notícia, ou seja, na reportagem (Emerim, 2010, p. 8)

De acordo com Guirado, todo esse processo, tanto de criação quanto de produção estética do repórter, é essencial para definir o conceito de reportagem já que o repórter é o sujeito da história e da narrativa, e o “detetive” que irá “transformar a reportagem em um quebra-cabeça, montando recortes de observação, com trechos de depoimentos, com dados de arquivos, com consultas a especialistas” (Guirado, 2004, p. 18).

Não são apenas os padrões estéticos, visuais e a forma como se monta uma reportagem que define esta modalidade, mas sim a maneira como o texto é escrito e as palavras que são escolhidas pelos jornalistas. No decorrer destes 70 anos de televisão, a evolução da linguagem televisiva andou de mãos dadas com a tecnologia, fator que transformou o modo de ver e ouvir as informações. Desde os primeiros programas jornalísticos, a linguagem passou a ser entendida como um produto que compreendia a sociedade e seus acontecimentos, ou seja, o dia-a-dia dos centros urbanos (Coutinho; Falcão; Martins; 2019).

Segundo Spinelli (2012), no Brasil esta evolução teve início em 1950, com a TV Tupi e seus primeiros programas. No início, as notícias eram lidas pelos apresentadores dentro do estúdio, com predominância para textos curtos e informativos em linguagem formal, já que as informações eram advindas dos jornais impressos da época. Com o desenvolvimento da televisão, este modelo deixou de ser utilizado, e as reportagens passaram a contar com imagens, sendo elas estáticas ou

cobertas, em conjunto com notas cobertas, que ainda eram lidas pelos apresentadores.

Após dez anos desta evolução, o Jornal de Vanguarda (1963) passou a utilizar novos modelos televisivos, inserindo comentários, crônicas e caricatura e, em seguida, o Jornal Nacional (1969), padronizou os formatos. A reportagem passou a ser o gênero informativo predominante nos telejornais, que enfatizava, principalmente, a linguagem focada em apenas um único lado e sem opiniões.

A televisão, colocada como veículo de massa, sempre privilegiou a comunicação unilateral de poucos para muitos e assumiu um posicionamento confortável e estável ao transmitir fatos e opiniões de seu interesse, não abrindo muito espaço para a participação dos telespectadores (Spinelli, 2012, p. 4)

Para que esta linguagem seja assertiva e alcance um grande número de telespectadores, Emerín (2010) explica que uma reportagem factual deve atentar a um possível tempo máximo de transmissão, ou seja, 1'20" (um minuto e 20 segundos) a 1'30" (um minuto e 30 segundos), incluindo os offs, boletins e sonoras. "A principal regra a ser seguida para se alcançar objetivos informativos, segundo a bibliografia, é 'casar' o texto com a imagem, servindo a palavra de apoio, de suporte para imagem" (Emerim, 2010, p.10). Desta forma, esse "casamento" entre o texto e a imagem permitiria a construção mais elaborada da realidade, tornando a produção cada vez mais dinâmica e mantendo a audiência cativa, com acesso a informações distintas sobre um assunto determinado.

É possível afirmar que este modelo de reportagem permaneceu com as mesmas características mesmo durante a pandemia, e após o período mais crítico da doença, já que manteve a linguagem objetiva e clara, com frases curtas e palavras simples, particularidades essenciais para uma reportagem televisiva.

[...] por mais íntimo e conhecido seja o entrevistado este deve ser tratado com profissionalismo e respeito, reiterando o lugar de fala do telejornalista e construindo, através da isenção, o efeito de sentido de credibilidade na reportagem (Emerim, 2010, p.11)

Além disso, e com avanço das entrevistas realizadas remotamente com o auxílio de plataformas de videoconferência como Skype, Microsoft Teams e Google Meets, advindas do avanço da tecnologia, os jornalistas tiveram condições de buscar a imparcialidade perante assuntos que envolvessem a perda de um ente querido, aumento de casos da covid-19 e sequelas.

2.3 ESTÉTICA DA REPORTAGEM

Não é apenas a linguagem oral/escrita que caracteriza uma reportagem, como também a estética da imagem e suas peculiaridades. De modo geral, segundo Emerim (2010), as reportagens televisivas podem ser qualificadas como um objeto que deve ser descrito e interpretado, enquanto passam constantemente por transformações ocasionadas pelo avanço da tecnologia. Esses avanços afetam nos processos de captação, recepção e transmissão das imagens.

As reportagens, que são definidas, segundo Barbeiro e Lima (2002), como fonte de matérias exclusivas do telejornalismo, que têm por objetivo relatar um acontecimento, de forma clara, direta e isenta, passam por uma série de etapas até serem apresentadas ao telespectador, para que ele possa “pegar a informação de uma vez” (Paternostro, 2006). Essas etapas, segundo Emerim (2010), são a pauta, a apuração e a produção, composta pela gravação e edição, e, por fim, a exibição em um telejornal.

Para que esse processo transmita credibilidade e qualidade, Emerín (2010) aponta algumas características dos profissionais de imprensa que são essenciais para a produção de uma reportagem, como a roupa, a gestualidade e a performance dos repórteres e apresentadores em frente às câmeras. Observe-se ainda o melhor tom de voz e a expressão facial, já que são a imagem da emissora na condução dos acontecimentos, e são capazes de contar as narrativas tanto quanto as próprias informações. Em relação a esta característica, Lima e D’Abreu (2020) comentam que a comunicação do jornalista é transmitida a partir do seu corpo e de seus movimentos, sendo capaz de propagar uma informação com um simples gesto que emane credibilidade. Dessa forma, e com os ângulos fechados que são utilizados nas gravações, “a recriação da fala espontânea precisa utilizar expressões e gestos controlados que articulam o mínimo de movimento ao máximo de sentido” (Lima e D’Abreu, 2020, p.3). Esses autores acrescentam que o repórter necessita utilizar a dramaticidade, com gestos e movimentos diversificados, com o objetivo de cativar o telespectador e fazer com que ele compreenda a informação da forma mais adequada possível.

[...] Acreditamos que, enquanto o caráter interpretativo estiver à serviço de um contrato da comunicação em que prevalece a intenção de informar corretamente e da forma mais clara e contextualizada possível, a dramaturgia aplicada ao jornalismo se apresenta como uma ferramenta eficaz e até imprescindível (Lima e D'Abreu, 2020, p. 6).

Além da importância dos movimentos e expressões, Emerim (2010) também enfatiza, como regra principal para um bom telejornalista, a importância do “casamento” entre a fala do repórter, sendo ela de fácil entendimento, e a imagem. Como já visto neste trabalho, a fala é essencial para a produção de uma reportagem, e Emerim (2010) ainda explica que essa fala deve estar atrelada a frases e parágrafos curtos e palavras simples que não formem frases de efeito, mas sim levem o telespectador a ter uma interpretação e, conseqüentemente, formar uma opinião.

As outras regras referem-se à necessidade de ser coloquial como se fosse uma conversa, mas sem gírias; de respeitar as regras gramaticais; de ter um ritmo pausado, mas não lento, entre outras (Emerim, 2010, p.11)

Segundo Gadret (2015), para além da fala e da imagem, também há outras três características que são essenciais para a construção estética de uma reportagem. Entre as características, estão a sequência visual, composta por planos, ângulos e movimento de câmera e lente. Inserem-se também os efeitos digitais, assim como o som, sendo ele diegéticos, presentes no universo, e não-diegético, que existe apenas em narrativas. Há ainda que se ponderar as sequências discursivas, ou seja, do texto da reportagem, que é capaz de produzir sentimentos ao ser falado pelos jornalistas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os objetivos e o material resgatado nessa pesquisa, entende-se que a produção de reportagens ao longo dos 70 anos de história do telejornalismo passou por transformações, tanto auditivas como visuais. Em relação às mudanças audiovisuais, nota-se uma “mutação” da linguagem, que abrange diferentes modelos de interação. Este modelo também dificulta o fornecimento de uma linguagem única para o telespectador, que também é atraído devido às questões éticas do canal que ele assiste e pelo conteúdo que é televisionado.

É importante ressaltar que essa “mutação da linguagem” continua fazendo parte do telejornalismo contemporâneo, que está passando por expressivas modificações devido ao avanço constante da tecnologia na era digital.

Já em relação à estética, o tom de voz, gestualidade e movimentos corporais do repórter fazem parte da “imagem” da reportagem, que tende a transmitir credibilidade e confiança a quem assiste. Dessa forma, a produção de uma reportagem necessita “casar” a imagem com a fala do repórter, sendo ela atrelada a frases e parágrafos curtos, com palavras simples, que não formem frases de efeito, com o objetivo de levar o telespectador a interpretar e formar uma opinião daquilo que assistiu. Mas, há também outras características que vão além da estética do repórter, como a sequência visual dos acontecimentos, efeitos digitais, sejam sonoros ou visuais, assim como a cronologia das informações.

Perante a todas essas características e mudanças, é possível apontar que a produção de uma reportagem está em constante desenvolvimento e buscando retratar com fidelidade cada vez maior aquilo que está ocorrendo ao seu redor. Mesmo com todas essas transformações que estão sendo vistas no dia-a-dia dos telejornais, o produto deverá buscar retratar a realidade da forma mais fiel possível para influenciar, na medida dos compromissos éticos da profissão, a vida das pessoas.

4. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BARBEIRO, Heródoto.; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de telejornalismo: Os segredos da notícia na TV.** 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2005. 238 p.

CARMO-ROLDÃO, Ivete Cardoso do. Poucas Palavras: Um estudo da linguagem oral no telejornalismo brasileiro. **Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, Campo Grande, p. 1-12, 2001.

CÁRLIDA, Emerim. O texto na reportagem de televisão. **Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, Rio Grande do Sul, p. 1-15, 6 set. 2010.

COUTINHOS, Iluska.; FALCÃO, Luiz Felipe Novais.; MARTINS, Simone. Dos eixos à análise da materialidade: o audiovisual observado, compreendido e experimentado

em toda sua complexidade. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, [S. l.], p. 1-15, 2 set. 2019.

GABRIOTI, Rodrigo. Telejornalismo Brasileiro: Uma Linguagem em Mutação. **Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, [S. l.], p. 1-15, 2013.

GADRET, Débora Lapa. As qualidades estéticas do telejornalismo e a construção da emoção na reportagem. **Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, [S. l.], p. 1-15, 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas da Pesquisa Social**. 6. ed. Brasília: Atlas, 2006. 200 p.

GONÇALVES, Elizabeth Moraes.; SANTOS, Marli dos.; RENÓ, Denis Porto.. Reportagem: o gênero sob medida para o jornalismo contemporâneo. **Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación**, Quito, Equador, n. 130, p. 223-242, dezembro 2015.

GUIRADO, Maria Cecília. **Reportagem: a arte da investigação**. São Paulo, Brasil: Arte & Ciência, 2004. 132 p.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística**. 7ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. 85 p.

LIMA, Thauane Martins.; D'ABREU, Patrícia Cardoso. A estética e a linguagem do corpo do repórter na veiculação das notícias no telejornalismo. **Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, [S. l.], p. 1-13, 10 dez. 2020.

STUMPF, Ida Regina Chitto. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo, 2. ed. [S. l.]: Atlas, 2006.

SPINELLI, Egle Müller. Jornalismo audiovisual: gêneros e formatos na televisão e internet. **Revista Alte Jor**, [S. l.], p. 1-15, 2 set. 2012.

PATERNOSTRO, Vera Íris. O texto na TV: Manual de Telejornalismo. Rio de Janeiro, **Editora Campus**, 1999, 155 p.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
FACULDADE DE JORNALISMO**

LUIZ AUGUSTO OLIVEIRA DE ALMEIDA

RELATÓRIO INDIVIDUAL DE PESQUISA

**ENTRE INOVAÇÃO E PRECARIZAÇÃO:
O IMPACTO DA CRISE FINANCEIRA E DA TECNOLOGIA NO JORNALISMO**

**CAMPINAS
2023**

Luiz Augusto Oliveira de Almeida

RELATÓRIO INDIVIDUAL DE PESQUISA

**ENTRE INOVAÇÃO E PRECARIZAÇÃO:
O IMPACTO DA CRISE FINANCEIRA E DA TECNOLOGIA NO JORNALISMO**

Relatório Individual de Pesquisa apresentado à disciplina METODOLOGIA E PESQUISA APLICADA EM JORNALISMO (TCC) da Faculdade de Jornalismo, da PUC-Campinas, como exigência final para aprovação na referida disciplina, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Alberto Zanotti.

**PUC-CAMPINAS
2023**

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar diferentes pesquisas realizadas acerca do trabalho jornalístico na atualidade, bem como das mudanças observadas nas rotinas de trabalho dos profissionais de imprensa. Durante o estudo, serão abordados aspectos que interferiram, direta e indiretamente, nas rotinas produtivas dos jornais, relacionando pesquisadores que se dedicaram a analisar as transformações pelas quais o jornalismo passou nas últimas décadas.

Entre essas mudanças empiricamente observadas, destacam-se a queda nos padrões estéticos do telejornalismo, a utilização de imagens menos refinadas, a realização de entrevistas virtuais, a presença do jornalismo nas redes sociais digitais, a redução de equipes de trabalho e o acúmulo de funções (Capoano; Barros, 2020). É buscando melhor compreender tais mudanças que realizamos este trabalho.

Segundo Capoano e Barros (2020), as transformações que aconteceram no modo de fazer jornalismo foram causadas principalmente por dois motivos: primeiramente, pela modernização das tecnologias da comunicação, que dispensaram o número de profissionais que antes era necessário; e em segundo lugar, por um declínio de receitas publicitárias, ocasionando uma instabilidade financeira na indústria jornalística.

A rápida modernização das tecnologias de comunicação impôs ao jornalismo uma necessidade de adaptação, mudando constantemente as rotinas produtivas dos jornais. Dantas *et al.* (2019) defendem que essas mudanças, que nos chegam em ritmo cada vez mais acelerado, foram positivas ao jornalismo, pois o ajudaram a se manter ainda hoje como um forte meio de informação, facilitando o trabalho jornalístico e possibilitando maior rapidez na checagem de informações. O avanço na qualidade dos smartphones, por exemplo, permite hoje que profissionais da imprensa realizem coberturas noticiosas apenas com um único aparelho, dispensando todo um equipamento tradicional, maior e mais complexo (Dantas *et al.*, 2019).

Ao lado das novas tecnologias da comunicação, a internet – maior novidade tecnológica do século XX – também impactou fortemente o jornalismo nas últimas décadas. Para Barsotti (2012), pesquisadora brasileira que mais se dedica ao estudo dessa temática, a rede global de computadores criou uma comunicação mais instantânea, principalmente nas redes sociais digitais, que não demoraram a

aparecer. Silva (2014) destaca que a rapidez com que as informações são transmitidas após o surgimento da internet atingiu também o jornalismo, que, buscando se adaptar a essa realidade, expandiu-se para os meios digitais.

Com essa nova realidade, os espaços publicitários dos jornais não se tornaram mais tão atrativos aos anunciantes, que redirecionaram seus anúncios para as redes sociais digitais, portais de notícias online e tantos outros sites disponíveis na internet (Barsotti, 2012). Com isso, instaurou-se no jornalismo uma crise financeira, que agora, sem a alta lucratividade publicitária, precisa encontrar maneiras de continuar fazendo jornalismo de boa qualidade, cortando gastos desnecessários e adaptando seus profissionais a esta nova realidade (Barsotti, 2012).

As mudanças impostas ao jornalismo pela nova era da tecnologia, pelo advento da internet, e pela baixa lucratividade com os anúncios publicitários, criou um ambiente favorável para uma certa precarização do trabalho jornalístico, conforme estudado por Renault (2012). Ao pesquisar essa temática, o estudioso expõe as causas dessa chamada precarização, e qual o seu impacto, tanto nos profissionais jornalistas, quanto no resultado final de seus trabalhos.

Para a realização de nosso estudo, seguindo os objetivos que aqui propomos, utilizamos a pesquisa bibliográfica, metodologia que consiste em um resgate de parte da literatura já produzida sobre um mesmo assunto. Segundo Stumpf (2006), nesta metodologia, procura-se resgatar os estudos relevantes já produzidos acerca de determinado tema, estabelecendo assim bases sólidas para o avanço no assunto proposto.

Segundo Stumpf (2006), para a realização de uma revisão bibliográfica de qualidade, precisamos definir o tema de estudo e estabelecer os critérios de inclusão e exclusão dos trabalhos a serem analisados. Isso nos ajudará a escolher devidamente os artigos a serem analisados, deixando de lado aqueles mais distantes ao estudo em desenvolvimento. Conforme observado por Gil (1987), é importante também que a pesquisa de revisão bibliográfica revele o passo a passo adotado na coleta dos documentos utilizados no trabalho.

Para a realização do presente estudo, realizamos uma busca na plataforma Google Acadêmico, em 2 de novembro de 2023, visando encontrar textos que discutissem as mudanças observadas no jornalismo nas últimas décadas, assim como

seu impacto junto aos profissionais de imprensa. No buscador da plataforma, foram associados os termos: “jornalismo, mudanças, trabalho, impacto, tecnologia, precarização, crise”, resultando em 3.280 documentos apontados pelo sistema. Na primeira página de resultados, a plataforma nos apresentou 20 documentos, dos quais lemos os títulos e resumos. Dentre eles, escolhemos 10 textos que mais se relacionavam com nosso objetivo de trabalho, para serem utilizados neste estudo, relacionados na bibliografia.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A partir da leitura dos textos selecionados, observamos que o acúmulo de informações poderia nos levar a três assuntos de destaque no que tange às mudanças havidas nas última décadas. Bem por isso, nosso estudo, a partir deste ponto, subdivide-se em três seções, a saber: 1) a crise no jornalismo, causada por uma queda de receitas publicitárias e por um aumento das tecnologias da comunicação; 2) as mudanças causadas por esta crise; e 3) o impacto destas mudanças na rotina dos profissionais de imprensa.

2.1. A TECNOLOGIA, A INTERNET, E A CRISE FINANCEIRA NO JORNALISMO

Na atualidade, parecem mais evidentes as reflexões sobre o impacto da tecnologia nas empresas de comunicação, principalmente no jornalismo. Esse recorrente debate pode se dar, provavelmente, “pelas constantes novidades tecnológicas que nos chegam em um ritmo acelerado” (Dantas *et al.*, 2019, p. 41). O avanço das tecnologias da comunicação impôs mudanças nas rotinas dos jornais, visto que a “prática jornalística carrega, ao longo de seu percurso, desafios no que se refere às mutações dos diversos cenários que os enquadram” (Dantas *et al.*, 2019, p. 41).

De acordo com Capoano e Barros (2020), a modernização das tecnologias de comunicação causou grandes transformações no campo jornalístico, e a rápida evolução dessas tecnologias exigiu uma constante adaptação nas rotinas produtivas dos jornais. Dantas *et al.* (2019) argumentam que tais mudanças ocorreram em um ritmo acelerado, mas foram benéficas para o jornalismo, pois permitiram maior eficiência no trabalho, dispensando-se equipamentos complexos, e possibilitando a sua troca por celulares de última geração.

A internet também teve um papel fundamental nas mudanças observadas no

jornalismo no decorrer das últimas décadas, pois criou um ambiente de comunicação imediata que logo precisou se expandir para a produção jornalística (Barsotti, 2012). Para Silva (2012), o jornalismo buscou meios de se adaptar à realidade virtual trazida pela internet, levando informações que antes eram veiculadas apenas em jornais (impressos ou eletrônicos), aos meios digitais, como as redes sociais.

No mundo tecnológico, modificado pela internet e cercado por diferentes meios de comunicação cada vez mais modernos, os jornais já não são mais uma mídia tão atraente para o mercado anunciante como em anos anteriores (Silva, 2014). Observa-se que os anúncios na *web*, em portais noticiosos e em redes sociais digitais são mais baratos que os do jornal impresso ou da televisão, tendo o potencial de atingir o seu público-alvo em igual ou até maior escala (Silva, 2014). Para Barsotti (2012, p. 55), “na internet, há mais oferta de sites para a veiculação de publicidade e a fragmentação do público é maior”, configurando, portanto, um dos fortes motivos da queda de publicidade nos veículos jornalísticos tradicionais, migrando todo este lucro publicitário para a internet.

Segundo estimativa da Newspaper Association of America, desde 2006 a receita publicitária dos jornais sofreu um decréscimo de 48%, causando uma crise financeira nas empresas jornalísticas, e forçando-as a se adaptar a esta nova realidade. Numa perspectiva mundial, já em 2009, a internet ultrapassou o índice da mídia revista no faturamento com publicidade, passando a ocupar o terceiro maior meio em faturamento, antecipando a previsão de que somente em 2012 a internet ultrapassaria os jornais em faturamento publicitário (Newspaper Association of America, 2011).

Silva (2014) destaca que a crise do jornalismo é anterior ao advento da internet, sendo que esta nova tecnologia somente tenha acelerado um processo que já vinha acontecendo. Segundo a pesquisadora, os motivos que causaram a crescente crise no jornalismo foram, portanto, a queda da circulação de jornais e a queda de receitas publicitárias, tudo isto acelerado pela chegada das novas tecnologias da comunicação, como a rede mundial de computadores.

As atuais discussões sobre crise do Jornalismo são, na verdade, frutos de velhas inquietudes que compõem a miríade dos dinâmicos debates relacionados ao seu modelo de negócios, aos impactos ocasionados pelas novas tecnologias, às mudanças nas práticas profissionais, à sua relevância enquanto instrumento conformador do espaço público, à pesquisa e à agenda de estudos dessa prática social e de

conhecimento (Dantas *et al.*, 2019, p. 41).

A crise que o jornalismo contemporâneo atravessa é considerada por Barsotti (2012) inseparável de todas as outras transformações advindas da contemporaneidade e de seus aspectos. Compreende-se, portanto, que o jornalismo, já enfraquecido pelas mudanças sociais contemporâneas, foi recentemente atingido pela internet, que além de tomar para si o poder publicitário, questionou a autoridade de seu discurso (Barsotti, 2012), não sendo mais encarado, no novo mundo das redes sociais digitais, como o único meio de informação.

O jornalismo reflete muito bem a aventura da modernidade. Ele é a melhor síntese do espírito moderno. Por esse mesmo motivo, o processo de desintegração da atividade, seu enfraquecimento, sua substituição por processos menos engajados [...] é um sintoma de mudança dos tempos e dos espíritos (Marcondes Filho, 2000, p.15).

Percebemos que, com o passar dos anos, “o jornalismo vem mudando e ao mesmo tempo sendo modificado pela ação social” (Silva, 2014, p.11). Dessa forma, o processo de modernização da imprensa e de suas rotinas de produção ocorrem de maneira cada vez mais rápida. É evidente que, pelas mudanças sociais que se desenrolaram no decorrer dos séculos, a modernização do trabalho jornalístico foi necessária e, sem esse processo, a imprensa não teria sustentado sua importância social de informar os cidadãos sobre os temas da atualidade. Em síntese, observa-se que as reiteradas reflexões sobre a crise no jornalismo não são novas para a profissão. “Afinal ‘crise’ ou ‘crises’ não surgem instantaneamente, mas são frutos de processos contextuais, complexos e dinâmicos” (Dantas *et al.*, 2019, p. 41).

2.2. MUDANÇAS NO JORNALISMO A PARTIR DA CRISE

Vimos que, com a chegada da internet e com o avanço das tecnologias da comunicação, os anunciantes, que antes ocupavam as páginas dos informes publicitários dos jornais, agora direcionam seus investimentos para *sítes* e redes sociais digitais. Essa queda de receitas publicitárias causou uma crise financeira no jornalismo, que precisou alterar seu modo de trabalho, para continuar levando informação de boa qualidade ao público (Dantas *et al.*, 2019).

Neste contexto de crise financeira, as empresas de comunicação se viram na contingência de demitir profissionais e, conseqüentemente, reduzir equipes de trabalho. Ao estudar o assunto, Barsotti (2012) esclarece que os cortes de gastos e

demissões de profissionais foram necessários para manter em pé as redações, sobrevivendo neste novo cenário.

Ilustrando essa realidade, segundo dados do relatório “State of News Media”, de 2011, as empresas jornalísticas dos Estados Unidos cortaram, entre 2007 e 2009, 11 mil profissionais de suas redações. Hoje, o número de profissionais empregados em todos os jornais estadunidenses é de cerca de 41.500, número que representa uma queda de 26% com relação ao pico de desemprego registrado na virada do século (Newspaper Association of America, 2011).

Quanto à realidade brasileira, não há dados oficiais específicos sobre as demissões de jornalistas nos últimos anos, mas informações levantados pelo Laboratório de Dados Volt mostraram que, entre 2012 e junho de 2015, foram 7.137 os profissionais desligados das redações de grandes grupos de comunicação do país. Quando incluímos todos os profissionais de imprensa, entre eles cinegrafistas, fotógrafos e produtores, dados do CAGED (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados) analisados pelo Laboratório Volt mostram que, entre 2010 e 2014, o número chega a 18.862 profissionais demitidos (Laboratório de Dados Volt, 2015).

Buscando contornar essa situação de maneira prática, utilizando menos pessoal, e sem tantos custos, as empresas jornalísticas lançaram mão exatamente das inovações tecnológicas, modificando a forma de fazer jornalismo. Segundo Silva (2020), a tecnologia veio para impulsionar a dinâmica e a produção dos trabalhos jornalísticos, favorecendo profissionais e empresas a superarem dificuldades advindas da queda de receitas publicitárias.

Um exemplo disso são as entrevistas virtuais, que já existiam no telejornalismo antes da queda publicitária, mas que são cada vez mais comuns, haja vista que garantem uma boa qualidade técnica, entrevistados que se adaptaram à realidade, de maneira rápida e sem altos custos. Essas interlocuções “corporificam-se em participações de repórteres e de convidados em entrevistas concedidas diretamente de seus lares” (Silva, 2020, p. 19), constituindo uma forma de fazer jornalismo que só é possível com a moderna existência de *webcams*, *notebooks* e fones de ouvido.

Além disso, os telespectadores estão cada vez mais reconhecendo este expediente como algo factível à televisão. Oras, se já faz parte de nossa cultura enquanto sujeitos conectados a notebooks, tablets e smartphones, o possível estranhamento de uma reportagem telejornalística produzida à distância tende a ser cada vez menor

(Silva, 2020, p. 19).

Apesar das vantagens que as entrevistas virtuais trazem consigo, pesquisadores como Shantiago e Magalhães (2020) reconhecem que esse gênero apresenta problemas no que tange à qualidade estética e à autenticidade das informações veiculadas. Segundo os estudiosos, as entrevistas virtuais, por vezes, carecem da riqueza da comunicação não verbal, tornando desafiador captar expressões faciais. Nessas entrevistas, a qualidade da imagem pode não ser a ideal e, além disso, estão sujeitas a falhas técnicas, como problemas de conexão de internet, áudio ou vídeo (Santhiago; Magalhães, 2020).

Além das entrevistas virtuais, que se tornaram mais presentes no cotidiano dos jornais, as grandes empresas de comunicação passaram a abrir espaço para a utilização de imagens produzidas pelo próprio público telespectador. Atualmente, é “impossível dissociar a cobertura jornalística profissional das mais recentes catástrofes naturais, dos ataques terroristas e dos conflitos políticos neste século daquela produzida por amadores durante esses eventos” (Barsotti, 2012, p. 60). A autora considera que a utilização desta mão de obra amadora, que chega gratuitamente às redações de telejornais, favorece uma melhor cobertura de fatos noticiosos, compensando o contexto econômico desfavorável para as empresas.

Ao lembrar que o trabalho dos amadores é saudado numa época em que as redações sofrem cortes sem precedentes, queremos enfatizar como as empresas de comunicação podem estar se apropriando deste tipo de mão de obra para suprir suas deficiências (Barsotti, 2012, p. 61).

Ainda que as empresas jornalísticas tenham se modificado, buscando se adaptar à nova realidade imposta pela crise financeira, tais mudanças não ficaram apenas no modo de fazer jornalismo, mas impactaram também na forma de trabalho dos profissionais que, segundo estudiosos da área, passaram a acumular funções desenvolvidas anteriormente por vários membros de uma mesma equipe (Jorge; Adghirni, 2010). Nesse contexto, funções como a de videorrepórter podem ser compreendidas, ao mesmo tempo, como uma modernização ou como uma precarização do trabalho jornalístico (Dantas *et al.*, 2019).

2.3. A PRECARIZAÇÃO DO PROFISSIONAL DE IMPRENSA

A queda de receitas publicitárias nas grandes empresas jornalísticas, e por

decorrência, a crise financeira que afeta o jornalismo, impuseram aos profissionais de imprensa uma nova forma de trabalho. Pesquisadores defendem que, com as demissões de jornalistas, e com a conseqüente diminuição de equipes nas redações, uma tendência de precarização do trabalho do profissional de imprensa. Por precarização do trabalho jornalístico, entendemos como descrito por Dantas *et al.*:

[...] um conjunto de fatores relativos às condições de trabalho, o que faz com que a prática profissional apresente dificuldades no seu pleno exercício. No campo jornalístico, as longas e intensas jornadas de trabalho, o acúmulo de funções e os baixos salários, têm sido citados de maneira recorrente por pesquisadores do assunto como indícios que determinam um processo em andamento de precarização da profissão (Dantas *et al.*, 2019, p. 43).

A principal face da chamada “precarização do trabalho jornalístico” é o acúmulo de funções, que atinge os profissionais de imprensa nas últimas décadas (Silva, 2014). Segundo Jorge e Adghirni (2010), a modernização dos meios de comunicação, ao mesmo tempo que faz a notícia circular de maneira mais rápida, atingindo diferentes públicos, impõe ao jornalista a tarefa de saber lidar com todas as plataformas ao mesmo tempo, assumindo um perfil multitarefas. Dessa forma, o profissional de jornalismo, que antes tinha apenas uma única função, passou, por vezes, a realizar várias atividades ao mesmo tempo, apurando, produzindo, apresentando, gravando e editando (Silva, 2014).

Segundo Silva (2014), esse acúmulo de funções no jornalismo pode ser exemplificado através da figura do videorepórter, função que já existia antes da crise, mas que passou a ser mais utilizada recentemente na televisão, visto que ela barateia a produção noticiosa. Os videorepórteres são jornalistas televisivos que atuam sozinhos, sendo ao mesmo tempo produtores, cinegrafistas e repórteres. Esta função foi ampliada nas redações a partir da necessidade de se reduzir custos e equipes, mas que, ainda segundo Silva (2014), sobrecarrega de trabalho e de responsabilidade os profissionais.

Não é apenas a função de videorepórter que demonstra na prática esse processo de precarização do trabalho jornalístico. A crescente contratação de profissionais PJ's (pessoa jurídica) nas empresas jornalísticas também evidencia esse processo, por se tratar de uma modalidade de contrato sem vínculo empregatício (Accardo, 2020), muitas vezes ao arripio da legislação trabalhista. Silva (2014) destaca também o aumento de jovens recém-formados nas redações dos jornais, que

se submetem a baixos salários, diminuindo os custos das empresas jornalísticas.

Alain Accardo (2000) observa em seu estudo essas novas realidades no que tange ao trabalho jornalístico e, sendo fortemente crítico ao processo de precarização deste trabalho, classifica como “abominável” tais mudanças impostas pelas empresas aos profissionais de imprensa, que aumenta e acumula trabalho aos contratados. Para o pesquisador, as redações jornalísticas modernas contam “com um contingente cada vez maior de jovens jornalistas sub-remunerados(as) e descartáveis, vergonhosamente explorados(as) por seus patrões” (Accardo *apud* Silva, 2014, p.25).

Visando debater essa precarização, Silva (2014) questiona se as mudanças no jornalismo são realmente necessárias para manter as empresas jornalísticas funcionando, ou se elas, na verdade, são somente frutos de uma lógica moderna, na qual “o jornalista é visto apenas como um empregado que deve produzir cada vez mais e mais rápido” (Silva, 2014, p.11), sem se importar com o resultado final de seu trabalho ou com a qualidade da informação passada ao público.

Em suma, vimos que as mudanças na maneira de fazer jornalismo e na rotina das redações são maiores a cada dia (Renault, 2012). Não se restringindo aos meios de comunicação impressos, “o avanço tecnológico chegou ainda às emissoras de rádio e televisão, provocando mudanças na forma de produção, edição e disseminação das notícias” (Renault, 2012, p. 105). Todo esse processo ainda está em andamento, por conta das tecnologias que surgem diariamente. Segundo Renault (2012), as mudanças trazidas pela nova era da tecnologia, e pela crise financeira das empresas jornalísticas, criam o ambiente cada vez mais perfeito para o avanço da precarização do trabalho jornalístico.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou resgatar estudos que analisassem as transformações no cenário jornalístico contemporâneo, destacando as influências da modernização tecnológica, do advento da internet, e as consequências da queda das receitas publicitárias. Ao trazer textos de alguns pesquisadores da área, identificamos que tais mudanças não apenas alteraram as rotinas produtivas dos jornais, mas também impactaram diretamente a vida dos profissionais de imprensa.

A modernização das tecnologias de comunicação, conforme discutido por

Capoano e Barros (2020), provocou uma série de ajustes nas práticas jornalísticas, exigindo adaptações contínuas nas rotinas produtivas dos veículos de comunicação. O avanço constante dessas tecnologias, conforme argumentado por Dantas *et al.* (2019), proporcionou eficiência ao jornalismo, permitindo que os profissionais realizassem coberturas noticiosas de forma mais ágil e com equipamentos mais acessíveis, como *smartphones*.

Já a internet, como apontado por Barsotti (2012), introduziu mudanças significativas na comunicação, proporcionando uma disseminação instantânea de informações, especialmente por meio das redes sociais digitais. Isso levou o jornalismo a expandir suas atividades para o meio digital, adaptando-se a essa nova realidade.

Contudo, a transformação digital não foi apenas um processo de modernização, mas também desencadeou uma crise financeira no jornalismo. A migração dos anunciantes para plataformas digitais causou uma queda nas receitas publicitárias dos jornais, gerando uma crise econômica nas empresas jornalísticas, forçando-as a repensar a maneira com que faziam jornalismo, conforme apontado por Silva (2014).

No contexto da crise, as empresas jornalísticas buscaram alternativas para reduzir custos, levando a uma precarização do trabalho jornalístico, como argumentado por Renault (2012). O acúmulo de funções, a contratação de profissionais como pessoa jurídica e a busca por mão de obra amadora são evidências desse processo de precarização, conforme discutido por Dantas *et al.* (2019).

A análise das mudanças no jornalismo a partir da crise revela não apenas desafios, mas também oportunidades. A utilização de tecnologias modernas, como entrevistas virtuais e a utilização de conteúdos produzidos pelo público, possibilitou a continuidade da produção noticiosa, mesmo em meio às restrições financeiras.

Em síntese, este trabalho buscou fornecer uma visão abrangente das mudanças no jornalismo contemporâneo, desde os impactos da tecnologia até os desafios financeiros enfrentados pelas empresas jornalísticas, com base em pesquisadores que já estudaram o assunto.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ACCARDO, Alain. **Journalistes Précaires, Journalistes au Quotidien**. Marseille, 2007.

ACCARDO, Alain. Submissão chique – A Estranha Ética dos Jornalistas. **Le Monde Diplomatique**. Marseille, 2000.

BARSOTTI, Adriana Daquer. **Jornalista em Mutação: O cão de guarda ao mobilizador de audiência**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 22-77.

BARSOTTI, Adriana Daquer. **Transformações contemporâneas nas práticas jornalísticas: o jornalista on-line como mobilizador de audiência**. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2012.

CAPOANO, Edson; BARROS, Vanessa Teixeira de. Jovem, dedicado, confinado e prejudicado: perfis, rotinas e processos jornalísticos durante a pandemia de Covid-19. **Revista Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v.7.e2017267, p.1-15, 2020.

DANTAS, Juliana Bulhões Alberto et al. Crise, precarização e mudanças estruturais no jornalismo: reflexões sobre tendências teóricas. **Mediapolis: revista de comunicação, jornalismo e espaço público**. v. 5, p. 39-49, 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas da Pesquisa Social**. 6. ed. Brasília: Atlas, 2006.

JORGE, Thais de Mendonça; ADGHIRNI, Zélia Leal. Prática Profissional, Convergência e Perfil do Jornalista. **Observatório Mídia & Política**, Brasília, 2010.

LABORATÓRIO de Dados Volt. A Conta dos Passaralhos. **Medium**, 2015. Disponível em: <https://medium.com/volt-data-lab/a-conta-dos-passaralhos-953e7e254d4a>. Acesso em: 2 nov. 2023.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação & jornalismo: a saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

NEWSPAPER Association of America. State of News Media. **Pew Research Center**, 2011. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/topic/news-habits-media/news-media-trends/state-of-the-news-media-project/>. Acesso em: 2 nov. 2023.

RENAULT, David. O jornalismo sem diploma e o mercado de trabalho. *In*: PEREIRA, Fábio, ADGHIRNI, Zélia Leal, MOURA, Dione (org.). **Jornalismo e Sociedade – Teorias e Metodologias**. Florianópolis: Insular, 2012.

RENAULT, David. **A convergência tecnológica e o novo jornalista**. Anais MEJOR II. Mudanças Estruturais no Jornalismo. Natal: UnB, 2013.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. **Anos 90 - Revista do**

Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.

SILVA, Cláudio Marcos da. **A precarização da atividade jornalística e o avanço da pejetização.** Brasília: Universidade de Brasília, 2014.

SILVA, Rodrigo Barbosa e. A casa como estúdio: a mediação no telejornalismo durante a Pandemia da Covid-19. **Revista Observatório.** Palmas, v. 6, n. 3, Especial 1, 2020.

STUMPF, Ida Regina Chitto. Pesquisa bibliográfica. *In:* DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 51-61.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
FACULDADE DE JORNALISMO**

RENAN ROSA FIORENTINI

RELATÓRIO INDIVIDUAL DE PESQUISA

**DA CRISE DE FINANCIAMENTO À PANDEMIA: AS MUDANÇAS NA PRODUÇÃO
DO TELEJORNALISMO**

CAMPINAS

2023

Renan Rosa Fiorentini

RELATÓRIO INDIVIDUAL DE PESQUISA

TELEJORNALISMO NA PANDEMIA: AS MUDANÇAS NO FAZER JORNALÍSTICO

Relatório Individual de Pesquisa apresentado à disciplina METODOLOGIA E PESQUISA APLICADA EM JORNALISMO (TCC) da Faculdade de Jornalismo, da PUC-Campinas, como exigência final para aprovação na referida disciplina, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Alberto Zanotti.

PUC-CAMPINAS

2023

1. Introdução

A televisão chegou ao Brasil em 1950, com o início das transmissões da PRF-3 TV Difusora, posteriormente denominada TV Tupi de São Paulo. Junto com ela, nasceu também o primeiro telejornal brasileiro, o *Imagens do Dia*. O noticioso era caracterizado pela narração com texto em estilo radiofônico, as imagens em preto e branco e a não pontualidade, já que o horário de início variava (Paternostro, 2006).

Ainda segundo Paternostro (2006), o *Imagens do Dia* durou cerca de um ano. Já o primeiro telejornal de sucesso surgiu em 1953, o *Repórter Esso*. O *Jornal Nacional*, da TV Globo, se destacou por ser o primeiro transmitido em rede para diversas localidades do país, sendo gerado a partir do Rio de Janeiro (RJ).

Historicamente, o telejornalismo passou por diversas transformações e reconfigurações no padrão estético e no fazer jornalístico. Assim, o trabalho aqui desenvolvido, *Da crise de financiamento à pandemia: as mudanças na produção do telejornalismo* tem como objetivo geral investigar e identificar as mudanças provocadas ou impulsionadas pelo uso da tecnologia como facilitadora para a redução de pessoal nas redações e, conseqüentemente, para um acúmulo de função entre os profissionais.

A proposta é verificar as adaptações funcionais pelas quais profissionais de televisão passaram, as mudanças estéticas do vídeo e como a pandemia de covid-19¹ foi um momento intenso de experimentação no fazer jornalístico. A metodologia adotada é a pesquisa bibliográfica. Este método é baseado na leitura, análise, fichamento e interpretação de artigos científicos, livros e outros tipos de publicações científicas, que se relacionam aos tópicos abordados no tema pesquisado.

Gil (2002) propõe nove fases para a estruturação de uma pesquisa bibliográfica: escolha do tema; levantamento bibliográfico preliminar; formulação do problema; elaboração do plano provisório de assunto; busca das fontes; leitura do material; fichamento; organização lógica do assunto e, por fim, redação do texto.

Lakatos e Marconi (2003), no entanto, dividem uma pesquisa bibliográfica

¹ Apesar de usualmente a palavra ser escrita como "Covid-19", a grafia adotada neste trabalho para o nome da doença foi "covid-19", com todas as letras minúsculas e traço. Esta é a grafia preconizada pelo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Volp).

em oito etapas: escolha do tema; elaboração do plano de trabalho; identificação; localização; compilação; fichamento; análise e interpretação e, por fim, redação.

Para a pesquisa aqui proposta, envolvendo o telejornalismo, o método de revisão bibliográfica se mostra palpável e adequado, visto que é possível abordar, por meio da produção literária disponível, as realidades do telejornalismo na pandemia, e as mudanças provocadas e impulsionadas neste período, em diferentes localidades e a partir de diversas perspectivas.

Apesar de os autores divergirem na identificação e quantificação de etapas, ambas as propostas de trabalho foram observadas. Porém, optou-se por seguir a classificação de etapas proposta por Lakatos e Marconi (2003). O processo de pesquisa na bibliografia teve início em abril de 2023, com a pesquisa por manuais de telejornalismo na biblioteca da PUC-Campinas. Foram utilizados dois livros obtidos neste processo.

Neste mesmo mês, também foram acessados os anais dos eventos da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação) e da SBPJor (Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo). Verificamos a lista de artigos publicados entre 2019 e 2023 e filtramos pela palavra “telejornalismo” e “televisão”, consultando um a um os artigos que se relacionavam a mudanças estéticas ou de trabalho no telejornalismo. Foram usados dois artigos da Intercom e um da SBPJor.

Posteriormente, adquirimos dois *e-books* da Rede TeleJOR (Rede de Pesquisadores em Telejornalismo) que reúnem artigos que tratam das mudanças vividas nos 70 anos pelo telejornalismo, bem como das mudanças ocasionadas em decorrência da pandemia de covid-19. Foram usados oito artigos publicados nessas duas obras.

A fim de complementar o material bibliográfico para a pesquisa, buscamos pela palavra “telejornalismo” na Biblioteca Virtual disponibilizada pela PUC-Campinas, recorrendo a um livro disponível no acervo. Por fim, usamos ainda um artigo obtido após pesquisa via Google Acadêmico. Para localizar o material, foram associadas as expressões “telejornalismo” e “dispositivos” móveis na plataforma.

Com isso, foram recuperadas 19 obras no total para compor a pesquisa bibliográfica. Além dos 17 citados, também foram utilizadas as obras de Gil (2002) e Lakatos e Marconi (2003), que explicam métodos de pesquisa, incluindo a

pesquisa bibliográfica.

2. Revisão bibliográfica

A partir de agora, em três tópicos, vamos tratar de uma sequência de fatores que desencadearam em mudanças estéticas e acúmulo de funções no telejornalismo. Além disso, vamos entender como essa sucessão naturalizou formatos e métodos de trabalho usados incessantemente na pandemia de covid-19.

2.1 A inovação e o profissional multitarefas

Atualmente, as equipes de reportagem de TV que saem às ruas são geralmente compostas por dois profissionais: repórter e cinegrafista. Em muitas emissoras, também existem jornalistas que trabalham sozinhos: os videorrepórteres. No entanto, quando o telejornalismo surgiu, essa realidade era diferente. As reportagens careciam do trabalho de uma equipe maior, formada por repórter, cinegrafista, auxiliar/iluminador, operador de áudio e motorista (Lamounier ; Oliveira, 2021, p. 4-5).

Com o avanço tecnológico e a chegada de equipamentos menores e mais leves, houve uma redistribuição de tarefas e as emissoras diminuíram a quantidade de profissionais nas equipes, levando à atual inexistência de algumas funções, como relatam os autores:

O trabalho continua sendo em equipe, mas o número de profissionais diminuiu. Eram 6, depois 5, virou 4, passou para 3 e, em muitos casos, hoje são apenas 2 profissionais saindo às ruas - repórter e repórter cinematográfico. Em que pese as diversas facilidades tecnológicas ao longo do tempo e o impacto da convergência de mídias no jornalismo, neste 6-5-4-3-2 da equipe de reportagem, as quatro funções que deixaram de existir foram acumuladas pelo repórter cinematográfico (Lamounier; Oliveira, 2021, p. 5)

Além das equipes formadas por repórter e cinegrafista, há ainda os profissionais que atuam sozinhos. O surgimento desse modelo profissional aconteceu no final da década de 1980, quando houve a experimentação de um novo modelo de produção de reportagens para televisão: o repórter-abelha (Nachbin, 2005).

O videorrepórter, nome que também designa o modelo, é um profissional que produz, sozinho, reportagens para a televisão. "O 'abelha' [...] filma, entrevista, conta a história, edita e pode até apresentar a reportagem que fez" (Barbeiro; Lima, 2002, p. 75). Os autores explicam que esse profissional desempenha, sozinho, as funções

executadas tradicionalmente por uma equipe maior. Isto é, o conceito da videoreportagem atribui todas as funções da produção de uma reportagem a um mesmo profissional do telejornalismo.

Nessa perspectiva, que levou a uma diminuição de pessoal nas redações, o uso da inovação tecnológica pelas empresas jornalísticas representa um elemento importante nesses acúmulos de atividades. A tecnologia hoje permite, por exemplo, que os videorepórteres utilizem smartphones no trabalho, e não câmeras, como exemplificam Brenol, Sousa e Baccin (2021), ao dizer que o telejornal se remodela com a presença dos dispositivos móveis e das mídias digitais.

As mudanças na produção, distribuição e consumo de informação fazem parte de um sistema de transformações no campo da comunicação e, para o jornalismo, representam novos desafios diante da rotina intensa de produção de conteúdo que, no atual cenário, se espalha para múltiplos meios e plataformas (Thomé; Reis, 2019, p. 3)

A tecnologia provocou modificações não apenas nas equipes que trabalham nas ruas, mas também internamente nas redações. Ao tratar das redes sociais, Finger (2020) aborda as mudanças na apuração. De acordo com a autora, anteriormente os produtores telefonavam para hospitais, delegacias e outras instituições e, agora, acompanham grupos no WhatsApp e veem publicações em outras redes sociais.

Nessa perspectiva, Thomé e Reis (2019) mapearam novas atribuições que os profissionais do telejornalismo ganharam. Entre os resultados, identificaram, por exemplo, a produção de conteúdo para além da televisão. Além de produzir para a TV, o repórter pode (ou deve) produzir fotos e vídeos para portais da internet e para interação nas redes sociais com o público da emissora.

Em síntese, a tecnologia se coloca como fator determinante para diversas alterações que ocorreram na história do telejornalismo, estando visíveis ou não para os telespectadores.

2.2 Fora do padrão: a mudança estética do telejornalismo

Como já citado, a videoreportagem pode ser considerada um “voo solo” do repórter de telejornalismo. Desde o seu surgimento, um dos fatores que a coloca negativamente em debate é a plasticidade, isto é, a estética pouco apurada do material produzido.

Tratando do surgimento da videorreportagem, Nachbin cita que "[...] Bons resultados foram obtidos, mas um aspecto, na época, apareceu como barreira ainda impossível de transpor: a qualidade técnica das produções videojornalísticas" (Nachbin, 2005, p. 117).

O autor entende, no entanto, que essa eventual baixa qualidade deve ser atribuída, de fato, à falta de preparação do profissional. Assim, para ele, com uma formação específica é possível obter bons resultados através da videorreportagem desenvolvida por um único profissional. O autor usa dois exemplos de conteúdos veiculados na TV Globo:

No ano de 2000, Marco André Lima [...] exibiu uma série de três videorreportagens excelentes no programa *Esporte Espetacular*, da Rede Globo. Mais recentemente, André Baseggio, no *Fantástico*, e Bruno Natal, no *Esporte Espetacular*, também emplacaram de primeira linha (Nachbin, 2005, p. 129).

Outra justificativa para incentivar o uso do videorrepórter, apesar da possível perda de qualidade estética, é o fato de o "abelha" ser mais discreto em relação às equipes tradicionais. Equipes de reportagem de televisão têm "o perigoso poder de influenciar ou até de alterar a cena que pretende registrar" (Rodrigues, 2005, p. 91).

Nesse sentido, Barbeiro e Lima (2002) entendem que esse método de trabalho é ideal para acontecimentos fortes, pois privilegia a informação em detrimento da qualidade plástica. A presença de materiais com uma estética menos rigorosa no telejornalismo também pode ser percebida a partir das participações dos telespectadores, que enviam vídeos para as emissoras.

O uso de materiais amadores nos telejornais, segundo Martins (2020), se intensificou a partir das manifestações populares em 2013. Thomé, Piccinin e Reis (2020), relembram o uso de imagens tremidas ou não editadas em programas como *Aqui Agora*, do SBT, e *Cidade Alerta*, da Record. De acordo com os autores, esses materiais representavam um sinônimo de veracidade, como se fossem registros de flagrantes.

Para estudiosos da área, o telejornalismo é demarcado pelo desejo de o telespectador participar dos programas. De acordo com Thomé, Piccinin e Reis (2020), trata-se de uma relação que vem sendo construída ao longo dos anos, e que não surge com as redes sociais, mas é impulsionada por elas. Anteriormente, as emissoras recebiam cartas, por exemplo, dos telespectadores.

Mesmo que o telespectador nunca tenha sido tão passivo como se diz, a participação por carta, telefonema e e-mail era uma limitação. Aos poucos,

as redes sociais, principalmente, transformaram-se na forma mais frequente de interação para sugestão de pautas, comentários, reclamações e envio de fotos e vídeos com os mais diversos flagrantes (Finger, 2020, p. 226).

Até mesmo a participação remota no telejornalismo, que ganhou força na pandemia de covid-19, como veremos à frente, já existia previamente.

O telejornalismo pela internet já é uma realidade no Brasil. Marília Gabriela, Lilian Witte Fibe, Mona Dorf e Paulo Henrique Amorim, estrelas do telejornalismo brasileiro, participaram no fim dos anos 1990 e início dos anos 2000 de programas de televisão pela internet nos portais UOL, Terra e AOL (Tostes, 2005, p. 72)

Dessa forma, nota-se que gravações amadoras dos telespectadores, reportagens de

“abelhas”, flagrantes de câmeras de monitoramento e entrevistas realizadas remotamente estão associadas a partir de duas perspectivas. A primeira envolve a inovação tecnológica que permite tais recursos. A segunda envolve os custos envolvidos na produção telejornalística. A redução no número de profissionais nas redações, bem como na quantidade de deslocamentos das equipes, evidencia que a tecnologia se torna um recurso para contornar essas limitações, suprimindo a necessidade de produção.

Quando o telespectador liga a televisão para assistir a um telejornal ele quer se informar, saber as notícias. E sabe que será por meio da imagem. Muitas vezes, quando existe uma imagem forte de um acontecimento, ela leva vantagem sobre a palavra. Ela é suficiente para transmitir, ao mesmo tempo, informação e emoção (Paternostro, 2006, p. 85).

Siqueira e Vizeu (2020) qualificam os telespectadores que participam dos telejornais enviando materiais como "coprodutores". Nesse sentido, os autores apontam que a atuação dessas pessoas passou a acontecer na década de 2000, com o surgimento dos smartphones, mas a consolidação acontece apenas na década seguinte, tornando-se mais visível na pandemia de covid-19.

Percebe-se que nesta fase de supremacia das ferramentas e aplicativos presentes na telefonia móvel, a reportagem não é mais exclusividade do profissional do telejornalismo. As emissoras têm recebido a produção de conteúdos gerados pelos usuários e estão se utilizando muito dela. Já é comum as fontes e protagonistas se tornarem também produtores da matéria. A produção, na redação recebe a denúncia, a sugestão de pauta e orienta o usuário a produzir as imagens e enviar o texto por mensagem. É a nova configuração da reportagem (Souza, 2020, p. 179-180).

Assim, o telejornalismo passa a incorporar diversos formatos e conteúdos alternativos, não necessariamente com uma rigorosa qualidade plástica, produzidos

por jornalistas ou amadores. A presença desse material menos refinado ganha força com a pandemia, como veremos a seguir.

2.3 Telejornalismo em tempos de pandemia de covid-19

O jornalismo é uma atividade considerada essencial e, portanto, teve suas funções presenciais mantidas mesmo diante do contexto de isolamento social da pandemia em março de 2020. Ainda assim, por uma questão de bom senso, as chefias de redação adotaram novos métodos para evitar a disseminação do vírus, promovendo mudanças nas redações e nas gravações nas ruas.

Inicialmente, alguns jornalistas foram afastados do trabalho presencial nas redações, sobretudo os que pertenciam ao grupo de risco para a doença. Além disso as saídas das redações para gravações externas também foram diminuídas, visando impedir o contágio da covid-19 (Cerqueira; Gomes, 2020).

De acordo com Caleffi e Pereira (2020), a pandemia fez com que muitos brasileiros retomassem o hábito de assistir televisão. Com os decretos de isolamento social, segundo as autoras, emissoras como a TV Globo tiraram do ar programas de entretenimento, sobretudo os que contam com plateia, e investiram na programação jornalística.

A credibilidade do discurso telejornalístico, em meio a era digital, é recuperada na medida em que os telejornais são legitimados como os mais aptos a relatar de forma verdadeira/confiável os acontecimentos do mundo. Mas, ao mesmo tempo em que cativava a audiência com a informação, a emissora também precisava preservar seus profissionais e fontes. Como continuar fazendo telejornalismo sem a presença e o contato com as fontes? Dessa forma, novos modos de produzir e exibir telejornalismo passaram a ser experimentados, em muitos momentos, ao vivo (Caleffi; Pereira, 2020, p. 73)

A partir da necessidade do isolamento social, surgem adaptações no telejornalismo, possibilitadas pela tecnologia. Alguns repórteres, por exemplo, passaram a atuar sozinhos, a partir de suas próprias casas. Cerqueira e Gomes (2020, p. 167) descrevem que esses profissionais captavam imagens, ligavam para fontes, pediam depoimentos gravados, faziam edição de vídeos. Já os produtores que atuavam remotamente também passaram a fornecer orientações às fontes sobre enquadramentos, iluminação e a captação de áudio e vídeo.

O isolamento físico afastou o jornalista da redação, dos pares e do encontro presencial com as fontes entrevistadas. Essa realidade modificou práticas e inseriu elementos na construção noticiosa que estão fora do controle do repórter. Essa "nova" rotina imposta pela pandemia obriga o jornalismo a

adaptar práticas e admitir outras configurações, principalmente no telejornalismo (Brenol; Sousa; Baccin, 2021, p. 9)

Uma das adaptações mais perceptíveis foi a liberdade que os profissionais ganharam para realizarem as entrevistas remotamente, isto é, por meio de plataformas de videoconferência. No *Jornal Nacional*, da TV Globo, por exemplo, segundo Basso (2021), a prática da entrevista virtual, transmitida pela internet e sem a presença de jornalistas foi anunciada aos telespectadores durante uma reportagem exibida em 17 de março de 2020.

De acordo com Lamounier e Oliveira (2021), essas adaptações exigiram novas competências dos profissionais que atuam no telejornalismo. Os autores exemplificam citando que, para uma entrevista virtual, são necessários (por parte do jornalista) conhecimentos em informática, conexão, aplicativos, etc. E as funções que eram específicas dos cinegrafistas, envolvendo a captação de imagens, também passaram a fazer parte do dia a dia desses profissionais.

Essas adaptações ocasionadas pela pandemia podem ser associadas ao profissional que atua como videorepórter, por exemplo, mas com as suas particularidades, como a limitação do espaço (isto é, o jornalista faz tudo de casa). Mesmo nas reportagens feitas por equipes que continuaram no trabalho externo, algumas sonoras, por exemplo, podiam ser captadas remotamente, sobretudo se a fonte fosse do grupo de risco da covid-19. Assim, existe uma hibridização entre o presencial e o remoto.

Além disso, os profissionais que seguiram presencialmente precisaram se adaptar aos métodos de higiene que foram adotados visando evitar a contaminação pela covid-19. Dentre essas medidas, Caleffi e Pereira (2020) citam o uso de dois microfones: um para o repórter e outro para o entrevistado. Na tentativa de diferenciar os profissionais, em muitos casos, o microfone da fonte não contava com a canopla estampando o logotipo da emissora.

Medidas como essa rompem com tradições internas das emissoras, que foram constituídas ao longo dos anos. Segundo Siqueira e Vizeu (2020), a orientação sempre foi, até então, a de nunca entregar o microfone ao entrevistado, pois trata-se do instrumento de trabalho do repórter, além de identificar qual dos que aparecem no vídeo é o profissional de imprensa. Com isso, existiu uma quebra da tradicionalidade do telejornalismo.

Outra tradição elencada por Siqueira e Vizeu (2020) envolve a posição do entrevistado. Tradicionalmente, a fonte deve olhar para o repórter, e não para a câmera. Trata-se de uma estratégia que visa dar naturalidade à gravação, aproximando-a do tom de diálogo.

Com a gravação por videoconferência, o entrevistado passa a ficar em uma posição em que, comumente, olha diretamente para a câmera. “Sem a mediação presencial de um repórter e de um cinegrafista, os entrevistados olham e falam diretamente para as câmeras de seus celulares, de seus computadores, e, conseqüentemente, para os telespectadores” (Barichello; Schwartz, 2020, p. 91).

A prática da participação do telespectador nos telejornais cresceu na pandemia. Brenol, Sousa e Baccin (2021) citam que, com o isolamento, as imagens verticais, com desfoque, iluminação ou enquadramento ruim foram admitidas na televisão, sejam elas gravadas com smartphones ou em virtude das entrevistas remotas. Essas imagens já existiam na televisão, mas o critério de uso delas era mais rígido.

Não é, destacam editores e repórteres, um desprezo às boas imagens e ao áudio de qualidade, mas o entendimento de que quando a informação textual (falada) é importante, pode superar o desejo de um produto esteticamente perfeito. Algo que já acontecia com vídeos de câmeras de segurança, de cinegrafistas amadores e, mais recentemente, com imagens de qualquer cidadão que capta imagens por meio de um celular e as envia para as emissoras de televisão, como testemunha dos fatos (Cerqueira; Gomes, 2020, p. 175)

Assim, a pandemia de covid-19 fez o jornalismo adotar medidas emergenciais que já eram testadas. Portanto, o momento pandêmico torna-se uma prerrogativa para essa adoção, possibilitada pelo avanço tecnológico.

3. Considerações finais

Diante do exposto, é evidente concluir que o telejornalismo atravessa um processo significativo de transformação, impulsionado pela inovação tecnológica, pela crise financeira das emissoras de televisão e, mais recentemente, pelas restrições impostas no período da pandemia de covid-19.

Com o surgimento de equipamentos menores e mais fáceis de serem operados, determinadas funções tornaram-se inexistentes, sendo que as atividades desempenhadas por esses profissionais foram repassadas a outros trabalhadores, que passaram a acumular tarefas no dia-dia. Além disso, os videorrepórteres que,

anteriormente, atuavam com câmeras, ganharam uma nova realidade com a ascensão dos *smartphones*.

A plasticidade do telejornalismo também vivenciou mudanças. Os celulares possibilitaram a ascensão de imagens com menos “qualidade estética”, normalmente advindas de flagrantes. A queda de um paredão de rochas em barcos que navegavam em Capitólio (MG) no início de 2022 exemplifica isso: a imagem, apesar de ser vertical e tremida, inadequada aos padrões estéticos tradicionais da TV, foi repetida incessantemente por todos os veículos.

Com isso, há uma naturalização das imagens menos refinadas nos telejornais, tanto as produzidas pelos telespectadores, que atuam como “coprodutores”, como pelos videorepórteres e outros profissionais da televisão que atuam sozinhos.

Esse cenário desafia os profissionais a desenvolverem novas competências multidisciplinares, adaptando-se a uma nova configuração de produção jornalística. A pandemia de covid-19, por sua vez, acelerou transformações já em curso. As restrições de distanciamento social alteraram a dinâmica tradicional do telejornalismo, com repórteres atuando remotamente, entrevistas por videoconferência e adaptações nas práticas de apuração.

As mudanças na relação entre repórter e fonte, a flexibilização na qualidade estética das imagens e a valorização da informação em tempos de crise evidenciam a resiliência do telejornalismo diante de desafios inesperados.

Há outros aspectos não abordados nesta pesquisa que seriam interessantes para projetos futuros. A questão trabalhista e deontológica da profissão, em relação ao acúmulo de funções, identificado é um aspecto importante e que merece investigação.

Além disso, outra investigação importante refere-se às demissões em massa nas redações de telejornalismo, que estamparam sites de notícia nos últimos anos. Percebe-se hoje o desligamento de profissionais consagrados, com mais tempo de carreira, por jovens recém-formados.

Referências bibliográficas

BARBEIRO, H.; LIMA, P. R. de. **Manual de Telejornalismo**: os segredos da notícia na tv. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

BARICHELO, E. M. da R.; SCHWARTZ, C. Entre adaptações e mudanças: Estratégias de legitimação do ambiente telejornalístico brasileiro na cobertura da pandemia do coronavírus. In: EMERIM, C.; PEREIRA, A.; COUTINHO, I. **A (re)invenção do telejornalismo em tempos de pandemia**. Florianópolis: Insular, 2020. E-book.

BASSO, E. F. C. Estéticas do isolamento: uma análise da reportagem em TV em tempos de pandemia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44., 2021, Evento virtual. **Anais [...]**, São Paulo: Intercom, 2021.

BRENOL, M.; SOUSA, M. E. de; BACCIN, A. Dispositivos móveis afrontam a linguagem telejornalística na cobertura da covid-19. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 30., 2021, São Paulo. **Anais [...]**. Campinas: Galoá, 2021, p. 1-21. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2021/trabalhos/dispositivos-moveis-afrontam-a-linguagem-telejornalistica-na-cobertura-da-covid?lang=pt-br>>. Acesso em 27 maio 2023.

CALEFFI, R.; PEREIRA, A. De frente para a TV, testemunhamos um novo modo de fazer jornalismo. In: EMERIM, C.; PEREIRA, A.; COUTINHO, I. **A (re)invenção do telejornalismo em tempos de pandemia**. Florianópolis: Insular, 2020. E-book.

CERQUEIRA, L.; GOMES, E. Telejornalismo remoto: O que pode se incorporar à rotina das redações e dos profissionais pós-pandemia?. In: EMERIM, C.; PEREIRA, A.; COUTINHO, I. **A (re)invenção do telejornalismo em tempos de pandemia**. Florianópolis: Insular, 2020. E-book.

FINGER, C. Ubiquidade: O novo desafio do telejornalismo. In: EMERIM, C.; PEREIRA, A.; COUTINHO, I. (org.). **Telejornalismo 70 anos: o sentido das e nas telas**. Florianópolis: Insular, 2020. E-book.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAMOUNIER, A. F.; OLIVEIRA, A. C. C. de. Os desafios do repórter cinematográfico em um ano de pandemia: um estudo de caso. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 19., 2021, Brasília. **Anais [...]**: Galoá, 2021.

MARTINS, M. O. A ascensão de estratégias amadoras no telejornalismo profissional: Uma nova visibilidade potencializada pelas limitações técnicas trazidas pela Covid-19. In: EMERIM, C.; PEREIRA, A.; COUTINHO, I. **A (re)invenção do telejornalismo em tempos de pandemia**. Florianópolis: Insular, 2020. E-book.

NACHBIN, L. O vôo solo do videojornalismo. In: RODRIGUES, Ernesto (org.). **No próximo bloco...: o jornalismo brasileiro na tv e na internet**. São Paulo: PUC-Rio, 2005.

PATERNOSTRO, V. I. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

RODRIGUES, E. Da pauta ao switcher. In: RODRIGUES, Ernesto (org.). **No próximo bloco...**: o jornalismo brasileiro na tv e na internet. São Paulo: PUC-Rio, 2005. p. 77-102.

SIQUEIRA, F.; VIZEU, A. As quebras de paradigmas nas rotinas produtivas do telejornalismo. In: EMERIM, C.; PEREIRA, A.; COUTINHO, I. (org.). **Telejornalismo 70 anos: o sentido das e nas telas**. Florianópolis: Insular, 2020. E-book.

SOUZA, F. das N. Percurso das reportagens nos 70 anos de telejornalismo: De Saulo Gomes aos usuários repórteres. In: EMERIM, C.; PEREIRA, A.; COUTINHO, I. (org.). **Telejornalismo 70 anos: o sentido das e nas telas**. Florianópolis: Insular, 2020. E-book.

THOMÉ, C. de A.; REIS, M. A. Espelhamento da rede no telejornalismo regional: novas funções no contexto de multitarefas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42., 2019, Belém. **Anais [...]**, São Paulo: Intercom, 2019.

THOME, C; PICCININ, F; REIS, M. A.; Anatomias narrativas do Telejornalismo contemporâneo e seus elementos certificadores. In: EMERIM, C.; PEREIRA, A.; COUTINHO, I. (org.). **Telejornalismo 70 anos: o sentido das e nas telas**. Florianópolis: Insular, 2020. E-book.

TOSTES, O. De volta ao futuro. In: RODRIGUES, Ernesto (org.). **No próximo bloco...**: o jornalismo brasileiro na tv e na internet. São Paulo: PUC-Rio, 2005. p. 39-75.